

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

O impacto econômico da construção do estádio do Corinthians no processo de desenvolvimento local do bairro de Itaquera – São Paulo (SP)

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

Relatório Final

Orientando: Vitor Knöbl Moneo Chaves

Orientador: Fernando Burgos

São Paulo - SP
2014

Agradecimentos

É com satisfação que saliento a importância de diversas instituições e pessoas para a realização desta iniciação científica.

Primeiramente, agradeço ao CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela bolsa de estudos concedida; esta, foi de extrema importância para viabilizar a pesquisa de campo.

O apoio do GV Pesquisa foi igualmente importante para a viabilização deste trabalho. Destaco, especialmente, a figura de Isolete.

Agradeço a cada um dos entrevistados. Todos dedicaram parte de seu tempo e contribuíram imensuravelmente para os resultados: Alexandre, Marcos, Ana Lúcia, Dórote, Ezequias, Gilberto, Jair, Luis Carlos, Rinaldo, Eduardo, Valtenir, Mário, Luiz, Luciene, Marli, José, Kléber, Wilson, Walter, José, Maria, Patrícia, Renato, Talita, Geilson e Gilson.

Ressalto a essencialidade do orientador, Fernando Burgos, pela paciência e por clarear minha mente durante as crises em meio a este processo. Outra pessoa importante foi Arthur, companheiro de pesquisa durante este ano de trabalho. Agradeço ainda a meu amigo Bruno, com quem compartilhei inúmeras vezes as angústias e satisfações relativas à experiência como pesquisador.

Por último, mas não menos importante, agradeço a minha mãe, Marta, e minha namorada, Leticia. Sem o carinho e a compreensão das duas seria impossível atravessar este longo processo de aprendizagem.

Sumário

1. Introdução	5
2. Metodologia.....	9
3. Aspectos Teóricos do Desenvolvimento Local	14
3.1. Administração Pública e Equidade	14
3.2. Desenvolvimento Local	15
3.3. Grandes Projetos Urbanos.....	23
4. Olhar dos Atores Externos.....	26
5. Os “impactos” econômicos na fala dos comerciantes.....	30
5.1. Decisão de instalar o negócio	30
5.2. Impactos sentidos.....	32
5.2.1. Nos negócios	33
5.2.2. Na imagem do bairro.....	42
5.2.3. Nos serviços públicos.....	47
5.3. Expectativas	53
5.3.1. Iniciais	53
5.3.2. Futuras.....	55
6. A visão institucional de Itaquera.....	65
7. Desenvolvimento para quem? – Análise dos Resultados	69
8. Conclusão	74
9. Referências Bibliográficas	77
10. Anexos.....	79
Anexo 1	79
Anexo 2	80
Anexo 3	81
Anexo 4.....	86

Índice de Figuras e Tabelas

Tabela 1: caracterização dos comerciantes entrevistados.....	12
Figura 1: região inicialmente definida para a pesquisa de campo.....	11
Figura 2: localização dos comerciantes entrevistados.....	13
Figura 3: projeto inicial do Polo Institucional de Itaquera.....	66
Figura 4: projeto atual do Polo Institucional de Itaquera.....	67
Figura 5: localização dos comerciantes entrevistados (mapa amplo).....	81
Figura 6: localização dos comerciantes entrevistados (grupo verde).....	82
Figura 7: localização dos comerciantes entrevistados (grupo vermelho).....	83
Figura 8: localização dos comerciantes entrevistados (grupo roxo).....	84
Figura 9: localização dos comerciantes entrevistados (grupo cinza).....	85
Figura 10: localização dos comerciantes entrevistados (amarelo).....	85

1. Introdução

Há tempos os megaeventos esportivos mobilizam milhões de pessoas – entre organizadores, participantes e torcedores – e grandes somas de recursos, tanto públicos quanto privados. A realização desses envolve ainda, para muitos, a paixão dedicada a determinadas modalidades esportivas. Entre os anos 2014 e 2016, o Brasil estará no centro do cenário esportivo mundial como sede de dois dos maiores eventos do tipo – a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Em outubro de 2007, o Brasil foi anunciado pela FIFA¹ como sede da Copa do Mundo de 2014. A partir daí, teve início o processo de escolha de doze cidades-sede, cujo resultado contemplou os seguintes municípios: Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

No caso de São Paulo, o Morumbi² foi tratado num primeiro momento como o local onde seriam realizados os jogos do mundial. Contudo, divergências entre o clube e a entidade organizadora a respeito de reformas e exigências levaram à revisão do projeto e à consequente exclusão do estádio³. A falta de alternativas viáveis até então fez com que o ministro do esporte à época, Orlando Silva, pronunciasse-se cobrando providências: “É inexplicável a situação de São Paulo, a maior cidade do Brasil. Agora a palavra é do comitê paulista, que tem de arrumar uma alternativa para não ficar fora de um evento que vai mobilizar o país.”.

Em agosto de 2010, foi veiculada a possibilidade de o novo estádio do Sport Club Corinthians Paulista sediar a abertura do mundial⁴. Há tempos, dirigentes e torcedores do clube paulista ansiavam por um estádio próprio⁵. Surge, então, o projeto da Arena Corinthians, que seria construído em Itaquera. Este bairro, localizado na Zona Leste da capital paulista, foi historicamente ocupado por famílias de baixa renda devido

¹ Federação Internacional de Futebol.

² Estádio Cícero Pompeu de Toledo, do São Paulo Futebol Clube.

³ Em junho de 2010, o Morumbi foi excluído dos planos da Copa. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/06/morumbi-esta-fora-da-copa-2014.html>>.

⁴ Estádio do Corinthians pode receber a abertura da Copa do Mundo. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2010/08/27/novo-estadio-do-corinthians-recebera-a-abertura-da-copa-do-mundo-de-2014.jhtm>>.

⁵ Diversos projetos anteriores não vingaram. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/05/1456181-relembre-projetos-de-estadios-do-corinthians-que-nao-sairam-do-papel.shtml>>.

às políticas habitacionais implementadas pela Prefeitura desde a década de 60 – as quais consistiam na construção de grandes conjuntos habitacionais destinados à população desta faixa de renda. Com a continuação destas políticas, nos decênios seguintes o número de habitantes do bairro cresce exponencialmente, todavia, não sendo acompanhado pelo aumento adequado na oferta de infraestrutura no que se refere a serviços públicos e quantidade de empregos no local. Desde então, a região sofre as consequências deste processo de desenvolvimento errático, resultantes do crescimento desordenado ⁶.

Tendo em vista as vulnerabilidades sociais do bairro, o governo municipal aventa a concessão de incentivos fiscais para a execução da obra. Aproximadamente um ano depois, o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, sanciona a lei que concretiza a concessão de tais benefícios ⁷ e a construção do estádio que viria a sediar a abertura da Copa do Mundo.

Na esteira de pertinentes e relevantes questionamentos, seria realmente justificável o uso de dinheiro público para custear um empreendimento privado, como o da construção do estádio do Corinthians ⁸? Dos 820 milhões inicialmente orçados – e superados –, 400 milhões foram tomados por empréstimo junto ao BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), valor esse a ser pago pelo clube de futebol beneficiado em conjunto com a Odebrecht ⁹. Outros 420 milhões foram subsidiados pela Prefeitura de São Paulo através de Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento (CIDs) ¹⁰, os quais só passaram a valer após o jogo de abertura do mundial. No auge da discussão sobre a legitimidade da mobilização dos recursos públicos, o prefeito de São Paulo naquele momento, Gilberto Kassab, deu a seguinte declaração: "Independente da Copa do Mundo, a construção do estádio do Corinthians

⁶ O processo de ocupação de Itaquera é descrito mais detalhadamente em Geise (2012).

⁷ Prefeitura de São Paulo concede incentivos fiscais para a construção do estádio do Corinthians: <http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/07/20/kassab-assina-lei-do-itaquerao-e-governo-quer-que-fifa-antecipe-escolha-da-abertura.htm#fotoNavId=pr11893893>.

⁸ Nesta pesquisa o estádio do Corinthians será chamado pelo seu nome provisório oficial, Arena Corinthians. No entanto, ele também é conhecido como Itaquerao.

⁹ O acordo foi fechado em 29/11/2013. Veja mais em: <http://www.valor.com.br/brasil/3357564/corinthians-assina-contrato-com-bndes-para-financiamento-do-itaquerao>.

¹⁰ Os CIDs já foram liberados pela Prefeitura. Disponível em: http://www.lancenet.com.br/corinthians/Copa-Corinthians-CIDs-incentivo-Prefeitura_0_1156084497.html.

nesta região trará desenvolvimento, trará recursos para São Paulo, trará receita, perfeitamente, portanto, justificável este incentivo" ^{11,12}.

Posteriormente, em setembro de 2013, Nádya Campeão, vice-prefeita da cidade de São Paulo, apresentou o projeto “A Copa começa aqui” em uma reunião no bairro de Itaquera. Segundo Nádya, também presidente do Comitê Organizador da Copa em São Paulo, o “maior impacto dos investimentos para a construção do estádio Itaquerão para o evento será na Zona Leste”. Destacou um dos principais eixos do projeto: a compatibilização da realização da Copa com o desenvolvimento socioeconômico, através da melhoria de serviços públicos e privados. Disse ainda que, “num futuro breve, Itaquera será uma região melhor, mais próspera” ¹³.

Tendo em conta as declarações uníssonas dadas por lideranças de duas gestões diferentes, a presente pesquisa de iniciação científica procurou investigar e analisar os impactos, especialmente na esfera econômica, causados com a construção da Arena Corinthians aos comerciantes de Itaquera. Nesse sentido, novas perguntas mostraram-se importantes: o que as autoridades estariam chamando de “desenvolvimento”? Os benefícios oriundos do referido “desenvolvimento” seriam destinados a quem? Quais os efeitos de tal “desenvolvimento” sobre os comerciantes do bairro e o que eles teriam a dizer sobre todo o processo?

O principal foco deste trabalho é problematizar o “real” significado do termo “desenvolvimento” – tão enfatizado nas falas apresentadas como inserido na nomenclatura dos CIDs – por meio da singularidade de depoimentos dos participantes.

Ademais, este relatório está inserido em um projeto mais amplo, cujo objetivo é identificar e analisar os impactos socioeconômicos causados com a construção do estádio em Itaquera. Além desta pesquisa, este projeto é composto pelo trabalho “O impacto social da construção do estádio do Corinthians no processo de desenvolvimento

¹¹ A declaração foi feita à Rádio Estadão/ESPN. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,kassab-defende-isencao-fiscal-para-o-itaquerao.742362.0.htm>>.

¹² O projeto apresentado oficialmente pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano está disponível no link: <http://comitepopularesp.files.wordpress.com/2011/09/20110823_palestra_-govestado-1.pdf>.

¹³ Relato sobre a reunião disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/itaquera/noticias/?p=42314>>.

local do bairro de Itaquera – São Paulo (SP)”, no qual são investigados os impactos sociais sentidos por moradores do entorno do estádio¹⁴.

Este relatório segue apresentando, nesta ordem: a metodologia de pesquisa; o referencial teórico utilizado; a descrição do processo de aproximação com a região; os resultados obtidos através das entrevistas; um olhar sobre as políticas públicas formuladas para o entorno da Arena Corinthians; análise dos resultados; e conclusão.

¹⁴ Esta pesquisa está sendo desenvolvida pelo também bolsista do PIBIC da FGV- EAESP, Arthur Losasso Goerck.

2. Metodologia

A presente pesquisa procurou investigar e analisar o processo de desenvolvimento de Itaquera. Para tanto, o pesquisador se debruçou sobre a bibliografia referente aos temas: administração pública, desenvolvimento local e megaeventos.

Outra indispensável fonte de informações foi a pesquisa de campo. Como explicitado na Introdução, esta pesquisa buscou coletar depoimentos, impressões e observações de comerciantes estabelecidos próximo à Arena Corinthians. Antes de ir até Itaquera, houve uma aproximação com grupos envolvidos com a região e com temas relacionados à construção do estádio. As conversas com estes atores foram igualmente valiosas. Esse processo está descrito na seção Olhar dos Atores Externos. Além disso, foi realizada análise documental e de notícias veiculadas pela mídia.

Após o primeiro contato com estes atores, o pesquisador entrevistou donos e funcionários de pontos comerciais da região para compreender melhor as mudanças ocorridas desde o início das obras do estádio do Corinthians. Inicialmente, 19 comerciantes aceitaram participar da pesquisa^{15, 16}.

Por entender como necessário um acompanhamento dos impactos da construção, ocorreram três rodadas de entrevistas com os participantes. Além disso, o processo de entrevistas foi estruturado em três momentos diferentes¹⁷:

- Momento 1 (dezembro/2013) – realização da primeira rodada de entrevistas / conversas com os comerciantes da região, buscando entender as expectativas anteriores em relação à construção do estádio e, também, as expectativas atuais;
- Momento 2 (maio/2014) – por meio da segunda rodada de entrevistas, coleta de dados e impressões advindos a partir da finalização da obra e com a aproximação da inauguração do estádio¹⁸;
- Momento 3 (junho e julho/2014) – realização da terceira rodada de entrevistas após a abertura da Copa do Mundo da Fifa (12 de junho), buscando

¹⁵ Este processo está detalhado na seção Olhar dos Atores Externos.

¹⁶ Nem todos os comerciantes participaram durante todo o processo de entrevistas.

¹⁷ Havia a intenção de realizar uma quarta rodada de entrevistas após a Copa do Mundo. Todavia, não foi possível realizá-la por conta do prazo exíguo até a entrega deste relatório.

¹⁸ A intenção inicial era realizar a segunda rodada de entrevistas em janeiro/fevereiro de 2014. Entretanto, com o atraso das obras, o estádio foi inaugurado em 18/05/2014. Portanto, a segunda rodada teve início pouco antes da inauguração, para não coincidir com o Momento 3.

compreender as alterações no cotidiano das pessoas da região, assim como verificar se as expectativas iniciais foram ou não confirmadas.

Vale frisar que o pesquisador procurou conduzir as entrevistas de maneira informal, na forma de conversas, tendo sempre em mente o trabalho de Spink (2008), sobre o pesquisador conversador no cotidiano. Em todos os diálogos, a pergunta “como” foi utilizada ao invés de “por que”, conforme Becker (1998). Esse autor aponta que o uso da forma interrogativa “por que” leva o entrevistado a uma resposta defensiva, como se precisasse justificar a resposta com uma boa razão; por outro lado, ao fazer uso do termo “como”, normalmente as respostas ganham em informação mais detalhada, incluindo não apenas as razões, mas os processos.

Ademais, o desenho inicial do projeto de pesquisa foi alterado, já que do lado direito não existia atividade comercial (o espaço é ocupado pelo Metrô e FATEC) e quando havia já estava distante do estádio, o que reduziria os impactos dessa região – como nos foi dito no processo de aproximação. Mas durante a pesquisa, foi necessário realizar outra alteração, já que o Terminal de Ônibus Urbano e o Shopping Metrô Itaquera, inicialmente fora do desenho inicial, poderiam sofrer impactos econômicos por estarem perto dos acessos via transporte público^{19, 20}.

¹⁹ A estimativa do governo paulista é que 82% dos torcedores cheguem via transporte público. Disponível em: <<http://www.portal2014.org.br/noticias/8583/NA+COPA+82+HEGARAO+A+ITAQUERA+POR+TRANSPORTE+PUBLICO.html>>.

²⁰ O mapa com a localização dos comerciantes entrevistados está disposto na seção Resultados de Campo.

ENTREVISTADO (A)	DATAS DAS ENTREVISTAS ²³			RAMO COMERCIAL	TRABALHA/POSSUI O NEGÓCIO DESDE	PROPRIETÁRIO (SIM/NÃO)
A	05/12/2013	07/05/2014	24/06/2014	Salão de beleza	2009	SIM
B	05/12/2013	13/05/2014	26/06/2014	Lan house e assistência técnica	2004	SIM
C	05/12/2013	23/05/2014 ²⁴	25/06/2014	Padaria	2003	SIM
D	05/12/2013	07/05/2014	27/06/2014	Farmácia	1982	SIM
E	05/12/2013	07/05/2014	24/06/2014	Imobiliária	2010	SIM
F	05/12/2013	13/05/2014	24/06/2014	Imobiliária	2008	SIM
G	05/12/2013	13/05/2014	X	Depósito de materiais de construção	2003	SIM
H	05/12/2013	14/05/2014	07/07/2014	Loja de artigos esportivos	2008	NÃO
I	06/12/2013	07/05/2014	04/07/2014	Imobiliária	2003	SIM
J	06/12/2013	14/05/2014	24/06/2014	Açougue	2011	SIM
K	06/12/2013	X	X	Restaurante	2010	SIM
L	06/12/2013	14/05/2014	X	Loja de artigos esportivos	2011	NÃO
M	07/12/2013	X	X	Doceria	2010	SIM
N	09/12/2013	X	X	Ambulante	1987	SIM
O	09/12/2013	X	X	Depósito de materiais de construção	1988	SIM
P	09/12/2013	07/05/2014	24/06/2014	Paisagismo	2003	SIM
Q	09/12/2013	07/05/2014	24/06/2014	Restaurante/Bar ²⁵	2013	SIM
R	09/12/2013	14/05/2014	26/06/2014	Bazar	1971	SIM
S	10/12/2013	06/05/2014	24/06/2014	Banca de jornal	2009	SIM

Tabela 1 – caracterização dos comerciantes entrevistados

Fonte: elaborada pelo pesquisador orientando

²³ Alguns dos comerciantes desistiram de participar da pesquisa ou pediram que a entrevista não fosse realizada. A marcação com letra "X" significa que a entrevista não aconteceu.

²⁴ Esta entrevista, excepcionalmente, aconteceu após a partida entre Corinthians e Figueirense, válida pelo Campeonato Brasileiro de 2014 e o jogo primeiro jogo oficial realizado na Arena Corinthians.

²⁵ Entre a primeira e a segunda rodada de entrevistas, a lojista decidiu mudar seu ramo de negócio.

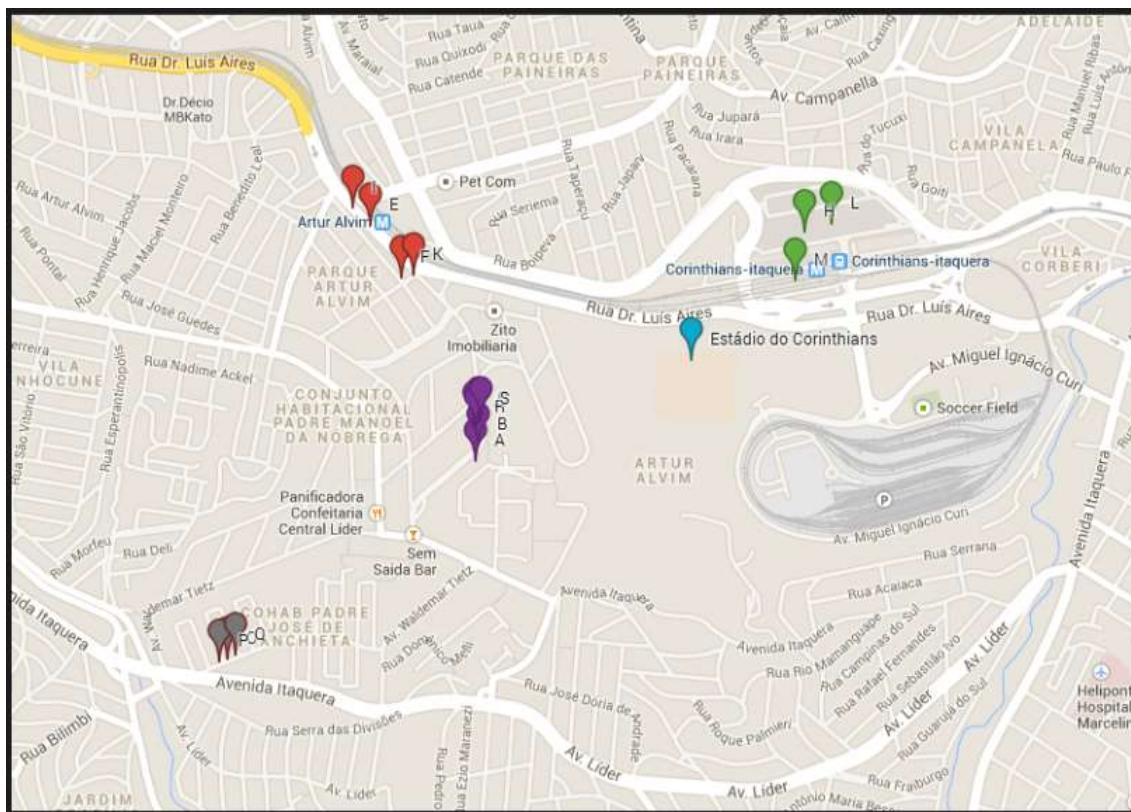


Figura 2: localização dos comerciantes entrevistados²⁶

Fonte: Google Maps (mapa trabalhado pelo pesquisador orientando)

²⁶ As cores demarcam os comerciantes geograficamente mais próximos. Este mapa não contém o vendedor ambulante do Parque do Carmo. Os mapas com a localização mais aproximada de cada grupo estão no Anexo 3. Ademais, o mapa está disponível para visualização interativa em: https://mapsengine.google.com/map/edit?mid=zHZdkAYWrJ4Y.kM_YhHTuQjmw.

3. Aspectos Teóricos do Desenvolvimento Local

Antes de apresentar os primeiros resultados encontrados em campo, é importante explicitar a visão de desenvolvimento tomada como base para esta pesquisa. Na respectiva ordem, a revisão teórica aqui estabelecida apresenta: uma visão sobre o papel do Estado na administração do bem público; um mapeamento dos diferentes significados e interpretações sobre desenvolvimento local; e, uma discussão relativa a grandes projetos urbanos, de porte semelhante ao da Arena Corinthians.

3.1. Administração Pública e Equidade

A Constituição Federal estabelece como um dos objetivos fundamentais do Estado brasileiro a construção de uma sociedade livre, justa e solidária²⁷. Entretanto, o Brasil não se enquadra como um país minimamente justo, uma vez que comporta fortes e notórias disparidades sociais, regionais e econômicas.

Diante de um cenário nacional tão abastecido de desigualdades, como pode o poder público agir para mitigar as injustiças sociais existentes?

A ampliação do acesso a serviços públicos – como saúde, educação e segurança – certamente se faz importante; todavia, a simples replicação de modelos baseados tão somente na expansão dos serviços já existentes corre o inevitável risco de reproduzir as desigualdades supracitadas (SPINK, 2000).

Spink (2000) traz à tona uma abordagem relacionada aos direitos na esfera da administração pública, embasando-se na visão normativa da relação entre Estado e sociedade civil. Tal relação não se situa somente no âmbito da qualidade dos serviços prestados, mas, inclusive, a quem e de que modo eles se realizam; o Estado, portanto, não existe à mera satisfação de um cliente, mas, num sentido muito mais amplo, ao atendimento do cidadão – evidenciando e distinguindo noções completamente diferentes.

²⁷ Art. 3º da Constituição Federal. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

O conceito de cidadania engendra igualdade, equidade, participação, prestação de contas e isonomia, por exemplo. Contudo, ainda que de forma universal, simplesmente disponibilizar serviços mínimos à sociedade não garante, às vezes, o término da exclusão e da desigualdade social.

É imprescindível um atento exame quanto às necessidades de grupos e locais específicos (SPINK, 2000).

A gritante diferença entre as condições e capacidades de grupos e de espaços, torna central a diferenciação entre cidadania *de jure* – determinada por direitos universais (direito ao voto, organização em partidos políticos, liberdade de expressão, etc.) – e *de facto* – assolada por grandes desigualdades socioeconômicas (SPINK, 2000; O'DONNEL, 1998). Por mais que a Constituição ateste a igualdade de todos perante a lei e salvaguarde direitos universais, a isonomia não é alcançada apenas em virtude da existência de normas e de instituições formais, mas por práticas equânimes do poder público (SEN, 1999).

Por conseguinte, a discussão sobre direitos não pode se constituir em uma prática restrita a um segmento da ação administrativa como, por exemplo, a uma Secretaria de Direitos Humanos. É mais que urgente a necessidade de se pensar a administração da coisa pública como um todo – em que inclusão, redução de desigualdades e fortalecimento da governança democrática sejam prioridades, integrando o verdadeiro cerne de atenção na avaliação dos resultados de governo (SPINK, 2000).

3.2. Desenvolvimento Local

“Desenvolvimento” pode ser definido como o estabelecimento de condições e instituições que nutrem as capacidades e faculdades da mente humana (PIKE et al, 2007; SEN, 1999; WILLIAMS, 1983). Nesse sentido, políticas de desenvolvimento orientadas por este conceito devem contemplar a criação de ambientes propícios para a realização e florescimento das potencialidades de indivíduos e grupos.

As políticas públicas voltadas ao desenvolvimento são formuladas e implementadas a partir de diferentes recortes territoriais. Podem abranger países, estados, municípios ou mesmo bairros. Os conceitos de desenvolvimento local e regional, então, dizem respeito à circunscrição deste processo a territórios socialmente construídos. Entretanto, a noção de desenvolvimento não deve ser entendida como homogênea e aplicada a quaisquer territórios. O entendimento sobre como devem se dar tais políticas está sujeito mudanças de acordo com os princípios e valores dos atores que vivem e atuam no território (PIKE et al, 2007).

De acordo com Pike et al (2007), dois modelos opostos de desenvolvimento podem derivar diferentes noções de justiça social: um progressivo e outro regressivo.

As formas regressivas de desenvolvimento são caracterizadas pela competição inter-regional, por uma compreensão de “soma zero” de desenvolvimento à custa de outras localidades, e pelo entendimento do desenvolvimento como puramente meritocrático. Logo, os mercados estariam mais aptos a arbitrarem sobre o potencial das pessoas, comunidades e locais. Portanto, não seria papel do Estado coordenar e orientar a política de desenvolvimento. Além disso, o crescimento econômico e os indicadores de mensuração quantitativos são aspecto central desta linha de desenvolvimento (PIKE et al, 2007).

Por sua vez, o conceito progressivo, holístico e sustentável de desenvolvimento local e regional é mais amplo e incorpora fatores sociais, culturais e ambientais na análise de políticas públicas; parte do entendimento de que a noção predominante de expansão enquanto processo puramente econômico não se sustenta, sendo insuficiente para compreender as dimensões do desenvolvimento local e regional em sua totalidade. Os recursos são econômicos, mas as decisões são políticas. Por conseguinte, a população deve participar ativamente da formulação, implementação e avaliação de tais políticas.

Ademais, essa diretriz conceitual enfatiza o papel do Estado junto à sociedade civil, orientando o seu papel de combater as disparidades regionais, a desigualdade e a pobreza. Trata-se de uma corrente formada por críticos do capitalismo, para quem se faz necessário debelar as imperfeições do sistema e de toda a injustiça social dele consequentes. Em outras palavras, o Estado buscaria domar e regular mercados para

mitigar sua tendência à instabilidade e à promoção da desigualdade econômica, social e espacial (PIKE et al, 2007).

Aspecto central na discussão destas políticas é alvo de intenso debate pelos acadêmicos da área: quem recebe os benefícios do desenvolvimento local?

Oliveira (2002) é direto ao afirmar serem as elites oligárquicas a ganharem com as experiências de desenvolvimento local; vê tal fenômeno como reprodutor e possível agravador das desigualdades existentes no sistema capitalista de produção, não podendo ser percebido enquanto alternativa ao desenvolvimento apropriado de uma localidade:

[...] o desenvolvimento local não pode ser pensado como contratendência à concentração; pelo contrário, ele pode se inserir numa estratégia de descentralização que agrave as desigualdades. (OLIVEIRA, 2002, p.16)

Para o autor, portanto, o desenvolvimento local é mais uma das metamorfoses do capital a reproduzir a concentração de poder – econômica e espacial – nas mãos das elites. Segundo suas observações, avalia que “a maior parte das definições e ensaios de desenvolvimento local, a rigor, parecem-se mais com adaptações dos dominados do que alternativa à dominação” (OLIVEIRA, 2002, p. 17), indicando a dificuldade em se chegar a um conceito sobre desenvolvimento local, o que por si só já constitui uma evidência de que seja uma simples estratégia de adaptação.

Todavia, as afirmações de Oliveira (2002) generalizam efeitos e resultados. Extrai-se das reflexões de Pike et al (2007) que a construção do estádio do Corinthians poderia trazer, *a priori*, tanto melhorias na dimensão quantitativa (aumento do PIB *per capita*; aumento no número de empregos) quanto qualitativamente (maior qualidade dos empregos; maior sustentabilidade econômica, social ou ambiental), beneficiando num só tempo as elites e as classes com menor poder econômico e político (PIKE et al, 2007). Não é crível que os efeitos seriam os mesmos independentemente de como o projeto fosse desenhado. Fosse este o caso, a presente pesquisa se mostraria desnecessária.

A inclusão dos atores locais no processo de estruturação das políticas – e a compreensão do contexto e da lógica dos territórios – tem potencial para a elaboração de planos adequados e socialmente justos. E é a partir disso que os estudiosos põem como problemática central dos processos de desenvolvimento o bem-estar, as desigualdades econômicas e geográficas, assim como quem ganha e quem perde com as

variadas possibilidades de desenvolvimento local e regional – o que se verifica nas palavras dos autores: “The distribution of social power and resources within society shapes the economic, social and political inequalities and experiences of local and regional development”. (PIKE et al, 2007, p. 1261)

Tendo em vista ambas as noções de desenvolvimento apresentadas por Pike et al (2007) – holística e regressiva – o conceito holístico de desenvolvimento local parece mais apropriado para almejar uma equidade efetiva, levando em consideração as gritantes disparidades existentes entre as diferentes regiões da cidade de São Paulo – segregadas pela renda, pelo emprego e espaço. (BONDUKI, 2011)

Pike et al (2007) ainda destacam que o seu modelo não tem “tamanho único” e apenas serve como referência, podendo ser influenciado por características sociais, geográficas e morais, conforme a tipicidade de cada local.

Seguindo essa linha de raciocínio, a visão dos comerciantes de Itaquera sobre as ações do Estado ganha relevância. Uma vez que a Prefeitura – em parceria com Governo do Estado de São Paulo – é quem está estimulando o desenvolvimento da localidade, este verdadeiramente atende às reais necessidades da população? Afinal, o sucesso ou fracasso de um modelo passa por um julgamento normativo. Deste modo, o diálogo constante do poder público com a sociedade civil e a iniciativa privada é crucial para a elaboração e avaliação de um plano de desenvolvimento efetivo. A interpretação dos reais significados e realizações destas políticas cabe aos atores já instalados e identificados com o entorno do estádio.

Na esteira deste pensamento, o aproveitamento das potencialidades de cada local se faz indispensável para o desenvolvimento econômico. Albuquerque (2004) discute o papel das micro, pequenas e médias empresas no sistema econômico mundial, assim como a importância da produção interna.

Segundo o autor, as economias e sociedades dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos vêm conhecendo durante as últimas décadas, com escala e intensidade distintas, processos de mudança estrutural de amplitude e profundidade significativas. Seria uma nova fase de reestruturação tecnológica e organizativa que afeta as formas de produção, organização e gestão empresarial, assim como a própria natureza do Estado e sua regulação.

A criação de meios de produção mais eficientes, a introdução da microeletrônica, a renovação contínua de produtos, as mudanças nos métodos de gestão empresarial, entre outros, seriam os fatores que estão removendo a base produtiva dos diferentes sistemas econômicos. Todos estão intrinsecamente relacionados à eficiência de atuação – a ser levada a cabo por meio da gestão empresarial e da reorganização produtiva (ALBUQUERQUE, 2004).

Tal fase de reestruturação constitui um profundo processo de mudanças sociais, institucionais e culturais em que se torna vital identificar a introdução de inovações – tanto incrementais como radicais – as quais, por sua vez, permitam novos horizontes em termos de produção e funcionamento competitivo, e proporcionem o despontar de novos setores e atividades econômicas. Surtindo efeitos desiguais ou diferentes em cada território, estas “destruições criadoras” (SCHUMPETER, 1978) possibilitam movimentos de desestruturação e reestruturação do tecido produtivo e empresarial, e esta variedade de efeitos e implicações acaba por exigir um desenho complexo e inteligente de políticas públicas para encarar os desafios específicos de cada localidade (ALBUQUERQUE, 2004).

Às mudanças estruturais, Albuquerque (2004) soma os efeitos da crescente globalização de importantes setores econômicos – em um contexto de desregulamentação financeira, maior abertura externa e organização de blocos geoeconômicos em resposta ao protecionismo. Um dos resultados deste cenário é maiores exigências no campo da competitividade e produtividade para as empresas.

O mundo, entretanto, está longe de constituir um mercado único e globalizado. O autor crê na coexistência de um núcleo globalizado de atividades cujo âmbito de mercado é, sim, o mercado mundial, com um grupo majoritário de atividades econômicas circunscritas aos mercados locais e nacionais; usa a porcentagem do PIB mundial composta por exportações de bens e serviços em 1999 (23,2%), para evidenciar o quanto o mercado interno é importante na economia como um todo, ocupando três quartos do produto total. E mais: lembra se tratarem de dados oficiais – ou seja, não levam em conta as atividades informais, de subsistência e o escambo – os quais representam parte considerável das economias dos países subdesenvolvidos.

Logo, o sistema produtivo mundial compõe-se por atividades heterogêneas, e as micro, pequenas e médias empresas protagonizam as atividades econômicas vigentes

nos mercados nacionais e subnacionais. Assim sendo, a produção interna se faz vital a todas as nações, mesmo que as políticas de desenvolvimento não reconheçam isso, priorizando quase exclusivamente a produção direcionada ao comércio exterior. (ALBUQUERQUE, 2004)

Albuquerque (2004) destaca a importância de não se confundir os desafios do processo de mudança estrutural com as exigências da globalização. Embora existam aspectos interdependentes – os avanços tecnológicos influem significativamente no processo de globalização, e os maiores padrões de exigência em termos de competitividade induzem inovação para adaptação das formas de produção –, cabe ressaltar que tais processos se referem a esferas distintas: as mudanças estruturais dizem respeito ao âmbito da produção (e à perseguição de ganhos de eficiência em produtividade), enquanto a globalização se atina principalmente à circulação em mercados internacionais e às exigências em competitividade nestes.

O sistema econômico como um todo não deve, portanto, ser reduzido a seu núcleo globalizado. A lógica e o modo de funcionamento dos setores do núcleo não são os mesmos das diversas atividades que compõe a grande maioria da produção, que tomam lugar nos mercados internos. A confusão entre os desafios internos para alcançar um sistema produtivo eficiente e as dificuldades geradas pelo aumento dos padrões de competitividade devido ao contexto interno pouco ajuda a pensar as diferentes economias locais de forma adequada. Neste sentido, em Albuquerque (2004) os termos produtividade e competitividade não se confundem, embora se relacionem.

Ou seja, junto com o modelo de desenvolvimento concentrador e polarizado, apoiado na grande empresa, existem estratégias outras de desenvolvimento endógeno, voltadas às potencialidades de cada local – em que as pequenas empresas, o território, os fatores sociais, culturais, ambientais e históricos desempenham relevante papel (ALBUQUERQUE, 2004).

A globalização também implica maiores exigências por conta da exposição externa dos diferentes sistemas produtivos locais. Contudo, o principal desafio está na própria esfera microeconômica da produção local: superar os excessivos níveis de ineficiência ainda existentes. Para tanto, a gestão pública descentralizada – por intermédio das administrações locais – deve elaborar novos meios de regulação no âmbito mesoeconômico, a fim de facilitar a concertação entre os diversos atores

territoriais, o desenvolvimento econômico local da região e a geração de emprego (ALBUQUERQUE, 2004).

A partir destas reflexões, como agir para assegurar a introdução de inovações produtivas no tecido empresarial preexistente?

As ligações externas com atividades econômicas para fins de exportação nem sempre garantiram a difusão do progresso técnico no conjunto de empresas existentes nos diferentes territórios e sistemas econômicos locais, caracterizado majoritariamente por micro e pequenas empresas as quais frequentemente não possuem, em seu território, infraestrutura básica e serviços de desenvolvimento empresarial (ALBUQUERQUE, 2004).

Albuquerque (2004) cita Bianchi (1996) para demonstrar que as pequenas empresas podem ser competitivas:

- Si avanzan en su especialización, es decir, si concentran el conocimiento productivo (tanto tecnológico como comercial u organizacional) en un rango específico de problemas, logrando ventajas de costes y liderazgo innovador;
- Si operan al mismo tiempo en un contexto de cooperación, esto es, aceptan incrementar el coste vinculado a la especialización porque están seguras de encontrar otras empresas poseedoras de una especialización complementaria en el agrupamiento territorial de empresas;
- Si las externalidades positivas de todo ello favorecen la cohesión del “cluster”, evitando que las empresas actúen de espaldas al mismo, y permitiendo la entrada de nuevas iniciativas y empresas eficientes e innovadoras. (BIANCHI, 1996)

Devido à importância e à maior fragilidade do tecido de empresas de pequeno porte, é necessário assegurar a inovação organizacional e tecnológica nos diferentes territórios para obter ganhos de produtividade, e, conseqüentemente, de competitividade. Para tanto, a elaboração das políticas de formação profissional e inovação tecnológica devem ser necessariamente descentralizadas, no intuito de reconhecerem-se as especificidades, problemáticas e potencialidades de cada território, e desta feita facilitando a concertação estratégica entre os atores sociais (ALBUQUERQUE, 2004). Nas palavras do autor:

(...) la descentralización del Estado necesita incluir contenidos sustantivos en términos de desarrollo económico, a fin de dotar a las políticas de horizontalidad, selectividad, territorialidad y capacidad de concertación estratégica entre actores sociales. El diseño horizontal de políticas se contraponen al diseño vertical y centralista de las mismas, y se orienta a crear oportunidades y un entorno favorable a los emprendimientos innovadores. La selectividad de las políticas hace alusión a la necesidad de adaptar las mismas

a los diferentes perfiles productivos y recursos potenciales territoriales, en contraposición al diseño generalista tradicional de las mismas, que reduce el territorio a un mero espacio homogéneo y abstracto. Finalmente, la visión territorial piensa la economía nacional como un conjunto de economías locales y no sólo como un conjunto de sectores en un espacio abstracto. (ALBUQUERQUE, 2004, p. 30).

A fim de suprir as necessidades dos negócios de menor porte, Albuquerque propõe um modelo de acumulação flexível ou “pós-fordista”, no qual o ótimo de eficiência empresarial não se fundamenta na interiorização das diferentes atividades da produção dentro da empresa (direção, desenho, fabricação, marketing, vendas etc.), mas na cooperação interempresarial e na subcontratação de empresas, objetivando formar redes de empresas hábeis em fornecer tais serviços (CASALET, 1997).

As empresas operam em um determinado “entorno territorial”, cuja qualidade e adequação afetam os níveis de eficiência produtiva e de competitividade das atividades empresariais. Daí a necessidade em adotar-se uma estratégia de desenvolvimento orientada a esta complexidade no processo de acumulação de capital, que encoraje a difusão de inovações tecnológicas e empresariais em âmbitos locais e regionais. Em outras palavras, sem uma política específica de desenvolvimento para os sistemas produtivos locais, não é possível atender adequadamente a modernização do tecido empresarial majoritário (ALBUQUERQUE, 2004).

O suporte para o referido modelo viria de uma ampla oferta de infraestrutura básica, disponibilidade de serviços de desenvolvimento empresarial avançados, existência de recursos humanos qualificados, acesso a linhas apropriadas de financiamento para micro, pequenas e médias empresas entre outros. Albuquerque nomeia esta complementaridade de “concertação estratégica público-privada” (tradução livre), na qual as administrações locais capitaneiam o desenvolvimento econômico gerado pelas redes empresariais (ALBUQUERQUE, 2004).

Em suma, o desenvolvimento não se difunde por via única, baseada na grande empresa, na produção de larga escola, nas grandes aglomerações urbanas; vai além e se dá também por vias mais difusas e descentralizadas – lastreadas em iniciativas empresarias locais (ALBUQUERQUE, 2004).

Neste contexto, pensar o tecido empresarial preexistente em Itaquera – composto em sua maioria por pequenos empreendimentos – e a sua capacidade de concertação é central para entender o processo de desenvolvimento econômico do bairro.

3.3. Grandes Projetos Urbanos

Os grandes empreendimentos urbanos, quando ocorrem, têm lugar central no processo de desenvolvimento de uma localidade – como acontece agora em Itaquera.

Gadens, Hardt e Frey (2012) identificam duas correntes com distintas interpretações quanto aos grandes projetos urbanos (GPUs).

A primeira, intitulada positivista, caracteriza-se por ressaltar o papel de tais projetos em um processo de planejamento estratégico, dito participativo – os membros desta vertente não analisam os diferentes interesses envolvidos na construção dos GPUs; são, em suma, entusiastas das parcerias entre os setores público e privado, crentes da conciliação das expectativas econômicas com a participação democrática (GADENS et al, 2012). A corrente do posicionamento crítico, por outro lado, contesta a implantação dos GPUs, desacreditando qualquer consenso democrático quanto às obras, a seu ver uma construção imposta pelo Estado em parceria com o setor privado – na qual aquele assume os riscos e este os lucros (GADENS et al 2012; HARVEY, 2000).

Apesar de ambas as vertentes revelarem posicionamentos distintos, há características comuns quanto à conceituação de GPUs: “o desembolso de grandes somas de recursos financeiros e as alterações ostensivas do espaço urbano” (GADENS et al, 2012, p. 24).

É perceptível a predominância de uma das vertentes no histórico dos GPUs no Brasil. A década de 70 se caracterizou por projetos politicamente centralizados – de caráter emergencial e de infraestrutura – realizados pelo regime militar. A contradição existente naqueles projetos ditos de interesse social era que, na prática, os benefícios resultantes não seriam revertidos à população local, mas aos grandes agentes econômicos envolvidos. A localidade ficou com os prejuízos: “desestruturação econômica, crescimento desordenado da população, desemprego, favelização, marginalização social e, quase sempre, degradação ambiental” (VAINER; ARAUJO, 1992, p. 33). A década em destaque foi marcada pela imposição de projetos no estilo *top-down* por parte do Estado e a conseqüente rejeição dos impactos sociais e

ambientais, numa evidente priorização dos resultados e benefícios econômicos (GADENS et al, 2012).

Quanto à década de 80, observou-se um fortalecimento dos municípios como gestores de políticas públicas, desenhando-se novas modalidades de financiamento e captação de recursos, articuladas em parceria com a iniciativa privada:

A entrada do setor empresarial privado (nacional e internacional) produz a transformação dos marcos institucionais e das modalidades de gestão. A privatização faz com que a cidade comece a ser vítima do abandono cívico, da perda de sua condição de espaço público e do fortalecimento da exclusão dos setores populares (CARRIÓNI, 2007, p. 48).

No decênio seguinte, anos 90, empreendimentos de valorização e “revitalização” de áreas urbanas consideradas degradadas começaram a ganhar força. Grandes projetos eram apresentados às comunidades locais como sendo de grande potencial econômico; a fórmula mágica da “revitalização” urbana, cujo fim era o de inserir as cidades numa competição global pela valorização de seus territórios, foi denominada de “empreendedorismo urbano”. Na prática, a cidade que oferecesse as melhores condições ao mercado recebia os investimentos. A iniciativa privada, portanto, ocupou o espaço deixado pelo Estado tecnocrata e centralizador da década de 70. Todavia, tal modelo trouxe, além da valorização desigual entre regiões da cidade, processos de gentrificação²⁸, exclusão social e aumento da desigualdade e segregação. Os lucros e benefícios proporcionados pelos GPUs foram, em semelhança à década de 70, quase que exclusivamente direcionados aos grandes agentes econômicos, patrocinadores da capitalização da cidade, em detrimento de um planejamento estratégico e integrado. Nesta fase de empreendedorismo urbano, portanto, os GPUs se transformaram em instrumento de competição global entre municípios, cujo interesse maior centrava-se em atrair capitais e manter seu suposto desenvolvimento (GADENS et al, 2012).

Diferentes atores promoveram a atração de GPUs como meio de mitigar os efeitos de sua dependência local. O conceito de dependência local, segundo Cox e Mair (1988), significa a subordinação destes atores – firmas capitalistas, políticos, população – à reprodução de certas relações sociais num território em particular. As instituições governamentais são ativas em causa própria exatamente por enfrentarem problemas de dependência local: subordinam-se à arrecadação de impostos, a seu capital imobilizado (pontes, rodovias, ruas, escolas, corpos de bombeiros etc.), a investimentos de longo

²⁸ Ver Neil Smith (2007).

prazo com que o Estado deve arcar. Um meio para o governo local afrouxar tal sujeição local advém do recebimento de recursos por parte do governo federal, por exemplo. Entretanto, como isso não é suficiente para escaparem do risco da dependência, os governos locais precisam confrontá-la, tornando-se suscetíveis aos argumentos das coalizões das “*business coalitions*”²⁹ – ávidas em alegarem a necessidade de maiores somas de incentivos e subsídios para, quem sabe, aumentar a arrecadação total de impostos.

A partir de 2000, houve uma tentativa de o Estado estabelecer os GPUs de forma mais democrática e sensível aos amplos impactos provenientes de tais intervenções. No entanto, críticas recorrentes recaem sobre a forma como a participação é promovida nestas políticas. Os autores destacam a falta de diálogo como um aspecto comum à implementação dos GPUs durante as décadas:

(...) a dificuldade – ou falta de disposição – em inserir a população nos processos decisórios relativos aos projetos de grande porte, quando imenso volume de recursos está em jogo e os potenciais impactos sociais e ambientais tendem a serem substantivos (GADENS et al, p. 29).

Passou-se a discutir na academia a importância da integração entre Estado e sociedade para o planejamento da cidade: “as soluções para os problemas urbanos passam pelo envolvimento dos atores locais, da sociedade civil e das diferentes esferas de governo inclusive, embora ainda pouco aplicadas na concepção de GPUs” (GADENS et al, 2012, p. 29).

Tendo em vista a pouca permissividade do aparato estatal à participação social, o processo decisório quanto à execução dos GPUs frequentemente se dá entre políticos, burocratas e iniciativa privada.

²⁹As empresas dependentes espacialmente do local em que se acham, a fim de mitigar mudanças que lhes sejam desfavoráveis, formam “*business coalitions*” para estimular o investimento em seu território (COX; MAIR, 1988).

4. Olhar dos Atores Externos

Antes de ir até Itaquera, o pesquisador procurou entender melhor o processo de escolha e construção da Arena Corinthians, sede da abertura da Copa do Mundo, a partir da visão de outros atores – além das notícias veiculadas pela mídia.

O primeiro grupo procurado foi o Comitê Popular da Copa – SP. Em sua apresentação, intitulada “Copa Pra Quem?”³⁰, ele é descrito como um “grupo aberto de articulação e resistência contra impactos e violações de direitos humanos da Copa do Mundo de 2014 em SP”. Após participar de uma de suas reuniões, no dia 24/10/2013, verificou-se que o Comitê foi criado por diversos movimentos sociais após a terceira jornada pela moradia popular, e se engaja contra: as remoções forçadas praticadas pelo poder público; a entrega da cidade à especulação imobiliária; a má qualidade do transporte público e ao incentivo do uso do carro; as condições de trabalho precárias encaradas pelos operários; a perseguição aos vendedores ambulantes por parte do Estado; os gastos exorbitantes de dinheiro público para a realização de um evento privado. A reunião aconteceu no bairro República, em São Paulo, em um dos diversos prédios abandonados e ocupados por movimentos sociais de moradia popular.

Ademais, existem comitês em todas as doze cidades-sede da Copa do Mundo. No Norte: Manaus; no Nordeste: Fortaleza, Natal, Recife e Salvador; no Centro-Oeste: Cuiabá e Brasília; no Sudeste: Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo; e no Sul: Curitiba e Porto Alegre.

Em Itaquera, o Comitê estava envolvido na situação da Comunidade da Paz, ameaçada de remoção pelo Estado³¹. Situada à margem do Rio Verde e a cerca de 1 km da Arena Corinthians, a comunidade está na área prevista para abrigar o Parque Linear do Rio Verde. O poder público planejava despejar todas as famílias do local.

Com o apoio do Comitê Popular da Copa – SP, a Comunidade da Paz elaborou um Plano Popular Alternativo, a fim de adequar o projeto do parque e reduzir o número de remoções³². Após diversas tratativas entre a comunidade e a Prefeitura, as lideranças da Comunidade da Paz foram informadas de que o projeto seria alterado e só seriam

³⁰ Disponível em: <<http://comitepopularsp.wordpress.com/about/>>.

³¹ Veja em: <<http://www.apublica.org/2012/08/copa-do-mundo-2014-remocoes-em-itaquera-comunidade-da-paz-vive-escuro/>>.

³² O Plano Popular Alternativo para a Comunidade da Paz está disponível em: <<http://vuzit.com/view/6mz96/?oid=3&key=Vuzit>>.

removidas as famílias instaladas em áreas de risco. Outro ponto de disputa entre Estado e comunidade referia-se ao que aconteceria com as famílias removidas – normalmente, estas recebem a Bolsa Aluguel, cujo valor varia de R\$ 300,00 a R\$ 900,00. Entretanto, a Prefeitura prometeu que as famílias seriam realocadas para apartamentos localizados no distrito de Itaquera.

Segundo Talita Gonsales, membro do Comitê Popular, houve uma reunião na Subprefeitura de Itaquera para cobrar tais promessas do poder público. Todavia, de acordo com a ativista, a prefeitura se recusou a mostrar o projeto e não deu informações conclusivas sobre a questão.

O Comitê indicou o Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos para melhor compreensão da região de Itaquera. Atualmente o Centro é uma organização não governamental, envolvida na prestação de auxílio a pessoas de baixa renda cujos direitos foram violados.

No tocante à Copa do Mundo, o Centro está envolvido com a questão dos vendedores ambulantes – impedidos de trabalharem durante os jogos do mundial³³. Na sede do Centro ocorrem as reuniões do Fórum dos Trabalhadores Ambulantes, em que representantes da categoria de toda a cidade de São Paulo discutem dificuldades e providências a serem tomadas. Em 28/10/2013, o pesquisador participou de uma reunião; nela, os vendedores ambulantes explicaram que, para regular a atuação da categoria, a Prefeitura expede TPUs (Termos de Permissão de Uso). Porém, segundo os relatos, durante as gestões de José Serra (2005–2006) e Gilberto Kassab (2006–2012) grande parte dos TPUs foi cassada, forçando diversos vendedores a trabalharem de forma irregular. Com a mudança de governo – posse de Fernando Haddad (2013) –, a Prefeitura estaria mais aberta a negociar a renovação dos TPUs.

Geilson Sampaio, funcionário do Centro, forneceu o contato de Gilson Negão, um dos líderes da Cooperativa de Ambulantes do Parque do Carmo. O pesquisador participou de uma das reuniões da cooperativa e conversou com Gilson no dia 12/11/2013. Segundo este, a cooperativa foi criada há 10 anos por vendedores ambulantes da região. Ademais, o grupo estava envolvido em diversas discussões

³³ A Lei nº 12.663, sancionada em 05/06/2012, impede a comercialização de produtos de empresas não patrocinadoras do evento durante os jogos, num raio de 2 km do estádio. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/Lei/L12663.htm>.

pertinentes à categoria, como a Copa do Mundo e a revisão do Plano Diretor Estratégico da Cidade de São Paulo.

Naquele momento, a cooperativa estava negociando com a Prefeitura para liberar os ambulantes cujos Termos de Permissão de Uso (TPUs) foram cassados na gestão passada. Além disso, a cooperativa buscava aproveitar o movimento da Copa, principalmente no Parque do Carmo. Existiam ainda tratativas para autorizar os ambulantes a trabalharem dentro do perímetro previsto pela Lei Geral da Copa.

Devido à expectativa dos vendedores ambulantes em relação ao evento esportivo, um dos comerciantes selecionados para participar da pesquisa é um ambulante que trabalha no Parque do Carmo.

Posteriormente, os ambulantes foram autorizados pela Prefeitura a trabalhar próximo ao estádio e na Fan Fest, desde que vendessem apenas produtos de empresas patrocinadoras do evento³⁴.

Em pesquisa pela internet para identificar outros atores e grupos organizados presentes na região, chegou-se à Associação de Moradores e Mutuários da Cohab I (AMMO). Dona Alaíde, uma das lideranças comunitárias e coordenadora da AMMO, contou sobre sua trajetória e experiência enquanto moradora de Itaquera; além disso, indicou alguns comerciantes entrevistados na presente pesquisa. A conversa com Dona Alaíde aconteceu em 28/10/2013.

Ao final deste processo de aproximação, 19 comerciantes aceitaram participar das rodadas de entrevistas. No processo de escolha dos participantes foi adotada a técnica de *bola de neve* na maior parte dos casos – método em que os próprios comerciantes faziam a indicação de colegas para fazer parte da pesquisa. Após algum tempo, as sugestões começaram a se repetir e, assim, a metodologia teve de ser alterada, obrigando o pesquisador a mudar de local em busca de novos comerciantes. Ademais, os comerciantes indicaram locais não previstos no desenho inicial, como lojistas do shopping Itaquera e do terminal urbano.

³⁴ Prefeitura libera atuação de ambulantes na Copa. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/415039_prefeitura-de-sp-libera-ambulantes-na-copa-cerveja-custara-metade-do-padrao-fifa>.

Por conta das rodadas de entrevistas e das pesquisas bibliográficas, o pesquisador não pôde acompanhar profundamente as atuações do Comitê Popular da Copa – SP, do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, do Fórum dos Ambulantes e da Cooperativa de Ambulantes do Parque do Carmo. Entretanto, o contato inicial foi essencial para o mapeamento e compreensão dos conflitos e disputas acerca da construção da Arena Corinthians.

5. Os “impactos” econômicos na fala dos comerciantes

As rodadas de entrevistas revelaram alguns padrões de respostas e reações. Desse modo, nesta seção, serão demonstradas algumas falas coletadas durante as entrevistas. Os resultados de campo estão organizados nos seguintes tópicos: decisão de instalar o negócio; impactos sentidos; e expectativas.

5.1. Decisão de instalar o negócio

A decisão de instalar um negócio em determinada região da cidade envolve diversos motivos. Em alguns casos, as pessoas moram perto ou abrem seus negócios em suas próprias residências; em outros, há uma análise estruturada do mercado potencial e, assim, decide-se a localização mais adequada à instalação dos empreendimentos. Ao formular tal pergunta, nossa ideia era verificar os motivos de os comerciantes estarem localizados na região de Itaquera. Afinal, um dos argumentos da prefeitura era o de aumentar o número de empregos na região, potencializados pela expansão da atividade comercial.

Primeiramente serão apresentadas algumas falas de comerciantes que abriram o negócio antes do anúncio oficial da construção do estádio:³⁵

Quando questionado sobre como decidiu trabalhar em Itaquera, o ambulante (entrevistado N) nos contou sua trajetória:

“Comecei aqui direto. (..) Eu trabalhava na obra do metrô. Aí eu fiquei desempregado, aí fiquei quatro meses batendo cabeça por aí, tentando arrumar emprego – não arrumava até pela idade. Aí peguei uma caixa de isopor, comprei uns sorvetes e vim aqui para o parque. Aí cheguei aqui e não me dei bem com sorvete, aí me veio a ideia de vender coco, porque ninguém aqui vendia. E estou aqui até hoje.” (Entrevistado N, ambulante)

O entrevistado K, respondendo sobre a mesma questão, explica ter aberto o negócio “por acaso”:

“Foi por acaso, meu! Porque na época eu e minha esposa estávamos querendo montar uma pastelaria. Aí apareceu a oportunidade aqui, aqui era

³⁵O anúncio oficial da construção foi feito no final de agosto de 2010. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2010/08/conheca-o-fielzao-o-estadio-do-corinthians-para-copa-do-mundo.html>.

uma pizzaria, aí o rapaz tava afim e passar o ponto. Aí a gente ficou como pizzaria por um ano, mais ou menos. Mas aí a gente viu que não tava rendendo aquilo que a gente queria. Aí mudamos de pizzaria para restaurante, a gente trabalha só no almoço e é bem mais rentável do que a pizzaria, não trabalhando a noite.”. (Entrevistado K, restaurante)

Antiga moradora da região, a participante I revela ter entrado como sócia no negócio quando surgiu a oportunidade:

“Em Itaquera eu já moro há trinta anos, né. Meu comércio antigamente era telefone, tinha um escritório em Itaquera, depois a telefonia acabou, aí a gente veio para a imobiliária. Meu sócio já administrava outra imobiliária, e depois a gente montou aqui.”. (Entrevistada I, imobiliária)

O conhecimento do bairro e das pessoas que lá habitam foram fatores determinantes para o entrevistado F se envolver com o comércio local:

“Trabalhar perto de casa, né, porque eu moro próximo aqui. Outra coisa boa é que a gente tem bastante conhecimento aqui, né. Conhece todo mundo. O que é mais fácil para estar vendendo os imóveis. Captação de pessoas conhecidas da gente.”. (Entrevistado F, imobiliária)

O comerciante B contou que resolveu mudar de ramo após perceber o crescimento das lanhouses:

“Ah, eu comecei porque eu fiquei um tempo desempregado; eu era eletricitista na época e, tipo, eu via o movimento das lanhouses, tudo, e resolvi tentar a sorte. Daí um tempo que eu abri a lanhouse, fui vendo que era um meio. Só que aí eu fui estuda... fazer curso de Técnico de manutenção tudo pra pensando nesta parte, né, na manutenção. (...) No Senai.”. (Entrevistado B, lanhouse e assistência técnica)

Por sua vez, a oportunidade em possuir mais um empreendimento estimulou o lojista C a abrir uma padaria em Itaquera:

“Não, eu vim em São Paulo, cheguei em São Paulo, vim com doze anos, né, doze anos; trabalhei na Philips do Brasil cinco anos, trabalhei na tevê Cultura dez anos e aí resolvi montar a primeira padaria. Montei a primeira padaria... (...) É a oportunidade de um negócio; não queria trabalhar mais de empregado, ganhei a concorrência pra montar a padaria e montei a padaria. Tô lá até hoje. Que foi a Zás-Trás. Depois de algum tempo nós compramos uma na Freguesia do Ó, tá lá até hoje. Depois compramos aqui a Central da líder e agora essa última faz dez anos que essa última.”. (Entrevistado C, padaria)

Seguindo os passos do pai, farmacêutico, o entrevistado D menciona que a família está no ramo há quase quarenta anos:

“Meu pai trabalhava em farmácia. Em 75, ele saiu e resolveu ter o negócio dele e a gente era moleque, tinha onze anos e aí precisa pagar o negócio, tudo, e aí foi todo mundo trabalhar. Foi eu meu irmão e aí a gente começou nessa vida. (...) Pra expandir (a gente veio para cá) (...) era um negócio que

apareceu. Até então a gente não imaginava, nem conhecia a Cohab.”.
(Entrevistado D, farmácia)

Tanto o lojista L quanto o comerciante J interessaram-se por trabalhar na região após o anúncio:

“Então, mas o que eu gosto aqui da Coha é que tem muitos prédios ao redor, e o movimento se torna melhor, né. O número de moradores é maior do que um bairro, né. Por isso eu resolvi abrir aqui, entendeu?”. (Entrevistado J, açougue)

O participante L, gerente de uma loja de artigos esportivos no Shopping Metrô Itaquera, confessou ter ido para seu emprego atual por conta da obra: “Vim por causa do estádio; o movimento vai aumentar!”.

5.2. Impactos sentidos

É considerado central para a presente pesquisa descobrir, considerando-se três eixos, como os habitantes do bairro estão sendo impactados das mais diversas formas pela construção. Descobrir os impactos no *âmbito dos negócios* ajuda a verificar se houve aumento da renda e da movimentação econômica da região; o *acesso a serviços públicos* se refere à infraestrutura básica disponível a moradores e lojistas, aspecto central no desenvolvimento socioeconômico de um território e na qualidade de vida de seus habitantes – e principal alvo de melhorias nas obras do entorno da Arena Corinthians; as mudanças na *imagem do bairro* podem ou não ocorrer. Problematicar como Itaquera era visto antes e é visto agora ajuda a entender como tal processo é percebido por pessoas de outras partes da cidade.

Desse modo, nesta seção serão destacadas as declarações dos entrevistados sobre os efeitos já sentidos, respectivamente: em seus próprios negócios; na imagem do bairro diante dos moradores de outras partes da cidade; e, no acesso e qualidade dos serviços públicos da região.

5.2.1. Nos negócios

A) Primeiro momento de entrevistas

A indução de atividades comerciais é um dos objetivos principais da ação do poder público nas obras no entorno da Arena Corinthians. Quanto aos impactos no seu estabelecimento comercial, a proprietária R (bazar) disse não ter tido mudança no número de clientes: “Eu acho que pra ninguém aumentou o movimento aqui, pra ninguém ainda.”.

A paisagista (entrevistada P) também comentou não ter observado impactos em seu negócio até aquele momento: “Não. Até agora não, talvez mais para frente... Brasileiro deixa tudo para cima da hora, né?”.

O entrevistado E, por sua vez, narrou que o movimento aumentou após o início da construção do estádio, principalmente para o setor de locação de imóveis:

“Ô. Sem dúvida. (...) Mais procura. (...) Apesar do preço elevar, mais procura. (...) Aluguel. Sem dúvida. (...) eu tenho um aluguel aqui de mil cento e cinquenta reais, não é baixo. Dois dormitórios na Cohab. (...) Se não alugar durante a semana, no sábado já foi.”. (Entrevistado E, imobiliária)

E sua esposa, companheira no cotidiano da imobiliária, completou a fala: “E a pessoa precisa ganhar três vezes isso.”. Mas, apesar do aumento da procura, o dono da imobiliária lamentou os preços altos:

“Dificulta um pouco para a gente isso, o imóvel aumentando demais e o salário das pessoas não acompanha. Há cinco anos atrás você comprava um apartamento grande aqui a trinta e três mil, hoje está cento e noventa e cinco.”. (Entrevistado E, imobiliária)

O açougueiro (J) fez considerações sobre os efeitos do estádio em seu ramo de atividade, à medida em que a conversa avançava:

“Não, ainda não senti. Pelo menos no meu ramo aqui, não. Não, porque açougue... A gente atende mais os moradores, né. Então, quer dizer... Os moradores que tinha, continua tendo, né. Agora, se você perguntar para uma lanchonete, para uma padaria, uma loja de artigos esportivos, eles vão te falar o contrário. Vão falar que aumentou. Agora, no meu ramo não, porque meu ramo está mais direcionado para o morador aqui do bairro, né. Não tenho um artigo que um cara, de passagem, que vá num jogo ou venha ver o estádio... Não consigo atender, né. Mas, melhorou. Você pode pôr aí, agora a gente conversando... Melhorou porque muitos moradores aqui estão pegando hábito de fazer churrasco, de acompanhar mais os jogos. Os corintianos, eles gostam de churrasco...”. (Entrevistado J, açougue)

Já o lojista B notou um aumento de movimento em seu ponto, mas disse não ser muito frequente:

“Direto assim não, mas... (...) A única coisa é que eu ganhei movimento do pessoal da obra, trazendo os computadores aqui. (...) Funcionários que tão trazendo computadores pra eu arrumar...”. (Entrevistado B, lanhouse e assistência técnica)

Declaração semelhante foi feita por outro comerciante:

“Não creio. (...) É uma expectativa que a gente tem ainda. Não mudou nada ainda, né, não tem jogo. A gente vê alguns operários às vezes vir comprar alguma coisinha, mas é uma coisa muito esporádica, eu acho que não é nada assim que impacta o movimento ou coisa parecida”. (Entrevistado D, farmácia)

A comerciante I comentou sobre a dificuldade de vender ou alugar imóveis perto do estádio:

“A maioria dos clientes chega aqui e fala: ‘eu não quero perto do estádio’. Quando começou o estádio, nós começamos a avisar nossos clientes. Alguns venderam, na época, e outros nós transferimos para um local mais distante. Então, hoje a maioria fala que não quer perto do estádio. Hoje eu tenho dificuldade de vender lá em cima. Aqui embaixo ainda dá para vender, mas lá onde vai ser realmente o fluxo... Lá tem prédio que você abre a janela e você vê o viaduto. A pessoa já senta aqui e fala: ‘perto do estádio eu não quero’. Então, assim, tem alguns que compram, mas noventa e nove por cento não querem. E hoje os imóveis que estão bem lá na fonte ninguém procura, e as pessoas querem vender e não conseguem.”. (Entrevistada I, imobiliária)

O restaurante do entrevistado K, por outro lado, viveu aumento de movimento: “O estádio e as obras aqui da Radial tiveram impacto porque o pessoal das obras vem almoçar aqui, né. (...) Aumentou, aumentou sim.”.

B) Segundo momento de entrevistas

No segundo momento de entrevistas, a comerciante I comentou sobre as mudanças no mercado imobiliário:

“Abaixou [o movimento], vendas abaixou. Locação ficou na média, mas vendas as abaixaram. [...] Como você deve ter visto, os preços subiram como locação e vendas. Só que não tá tendo aquela procura como antigamente, por que tá muito caro. Nossa região aumentou muito e a renda do pessoal não subiu, entendeu? Então hoje não é qualquer pessoa que pode morar na Cohab. Tem que ter uma renda boa tanto para locar o imóvel como para comprar. [...] Estacionou o preço. Tem algumas pessoas que tão viajando nos preços, né? Mas os preços mesmo... estacionaram. Pra quem quer

vender o imóvel, quem quer vender. Eu já falo assim: tem dois preços: a pessoa que quer vender o imóvel, e tem a pessoa que quer fazer firula com o imóvel dela. [...] Tem proprietário aí pedindo num apartamento de 48m² 220 mil reais. E não tem lógica. Não tem lógica!'. (Entrevistada I, imobiliária)

Para ela, a alta nos preços não foi acompanhada de um aumento de renda da população:

“Quantos por cento baixou nosso faturamento? [perguntou à companheira de trabalho] Abaixou bem, né? Já desde o ano passado vem abaixando. Uns cinquenta por cento, por causa que, eu falei pra você, aumentou muito os imóveis e a renda do pessoal não aumentou. Quer comprar um imóvel aqui na Cohab, tem que ganhar mais ou menos de 5 mil pra cima e ter um bom FGTS, um dinheiro, um recurso próprio, aí daí ocorre né, jovem quase não tem isso, então o pai tem de ajudar; a esposa, a mulher, vamos dizer, os dois trabalhando que dá uma renda de 6, 7 mil reais pra comprar. Então tem imóvel que aumentou muito e a renda não acompanhou esse aumento, não acompanhou.”. (Entrevistada I, imobiliária)

Ainda no ramo imobiliário, o corretor E revelou um aumento na procura – principalmente por locações – desde dezembro, porém percebeu uma redução das vendas no último mês:

“Assim, nós não vendemos aqui do lado [do estádio]. Mas a movimentação de vendas na região cresceu [desde dezembro]. E a locação cresceu muito, muito. Isso a gente pode agradecer, porque as pessoas começaram a vir por conta do Itaquerão, viram que é um lugar acessível, tem metrô perto, e as locações cresceram. Quem mora por aqui vai a pé até o metrô. Não depende de lotação. [...] Ultimamente deu uma caída [por conta dos preços] [...] Tinha uma época em que nós não éramos corretores, e sim tiradores de pedido. Vendíamos vinte apartamentos em um final de semana. E hoje estamos vendendo vinte em um mês.”. (Entrevistado E, imobiliária)

Apesar da queda na demanda por casas e apartamentos, os pontos comerciais continuam disputados:

“[...] assim, os pontos comerciais aqui são disputados. Tem um ponto aqui que a pessoa tá pedindo R\$ 160 mil. O aluguel comercial subiu. Tem muita procura. As pessoas pedem na porta do metrô... A gente anda por lá, e dá pra perceber que antes não era tão movimentado como está. As lojas vão abrindo. Isso ajudou o comércio, entendeu? Mas a gente não sabe como vai ser daqui para frente.”. (Entrevistado E, imobiliária)

A comerciante I, aliás, comentou a chegada de novas lojas na região:

“Vieram mais lojas. Você vê essa da esquina, de sapatilhas, que faz quinze dias que inaugurou, que você passou por ela; logo você subindo, antes da Americanas, inaugurou aquela Bauducco, uma lojinha de 1 real que está um sucesso. Teve mais vindo do que saindo.”. (Entrevistada I, imobiliária)

O farmacêutico D igualmente notou a abertura de novos negócios:

“Uma rede de drogarias que se instalou ali embaixo. Isso há 2, 3 meses. Coisa que só chegava até o centro de Arthur Alvim só, que tem a Drogeria São Paulo, Americanas, Extra, está tudo do lado do metrô. Foi um chamariz, eu acho, por causa dessas mudanças. Algumas lojas... indústrias não sei,

porque indústria é galpão, uma coisa maior... mas pra lojas pelo menos houve essa mudança.”. (Entrevistado D, farmácia)

A entrevistada P, paisagista, não percebeu mudança no movimento de seu comércio desde dezembro:

“Continua [ruim o movimento]. Eu acho que no geral, eu acredito que todos os ramos aqui, com quem a gente tem conversado, porque teve muito aumento do custo de vida. Então, tem coisa que é prioridade, alimentação, por exemplo, você vai no mercado e aumentou muito o custo de vida.”. (Entrevistada P, paisagismo)

Já o comerciante S, dono de uma banca de jornal, falou que o movimento de seu negócio aumentou:

“Teve uma melhora razoável do movimento, mas acho que não tem a ver com o estádio não. As pessoas estão saindo mais, aí acabam comprando mais coisas aqui na banca. Ainda não teve nenhum jogo, então acho que o estádio não influenciou nisso.”. (Entrevistado S, banca de jornal)

A entrevistada Q, dona de um restaurante, não detectou qualquer impacto positivo em seu negócio desde dezembro. Como o movimento – que, segundo ela, era baixo no primeiro momento de entrevistas – continuou insatisfatório, ela decidiu mudar seu ramo de negócio (de restaurante para bar):

“Antes aqui era restaurante, eu fazia comida – e olha que eu sei cozinhar – mas o custo é muito alto, e eu não estava tendo o retorno que queria por causa do baixo movimento. Tentei fazer churrascos nos finais de semana, servir pratos diferentes, mas nada adiantou. Então eu mudei para bar e troquei o nome do lugar.”. (Entrevistada Q, bar)

Por outro lado, o entrevistado L, gerente de uma loja de artigos esportivos no shopping Itaquera, mostrou-se animado: “O movimento aumentou. Aumentou muito. O shopping está vendendo bem mais desde dezembro!”.

A comerciante H (loja de artigos esportivos), entretanto, revelou uma queda no movimento do estabelecimento no qual trabalha: “Tá confuso, a mobilidade foi um pouco prejudicada por causa das obras. Tivemos uma queda de vendas. Nós fizemos um pedido de mil camisetas da seleção, por exemplo, mas não vendemos como queríamos.”. Durante as entrevistas com os imobiliários, o pesquisador e o orientador procuraram saber mais sobre as locações para a Copa do Mundo, assunto recorrente na mídia à época³⁶.

³⁶ O portal da Globo repercutiu os altos pedidos de aluguel para o evento. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2014/04/copa-gera-valorizacao-em-itaquera-e-pedidos-de-ate-r-100-mil-por-aluguel.html#equipe-corinthians>.

A imobiliária I negou qualquer procura por locação somente para a Copa:

“Teve assim, teve reportagem da Globo, teve tudo. Tem algum alugado? Até agora ninguém alugou. É só conversa... é só... nenhuma procura. Você pode ver as imobiliárias. Você já deve ter visto as imobiliárias conceituadas aqui no bairro, nem cogita isso. [...] Você vem alugar um apartamento aqui, vai fazer um contrato, vai ter que reconhecer firma, como é que um estrangeiro vai abrir firma no Brasil, vai reconhecer.... não tem! Não tem sentido!”. (Entrevistada I, imobiliária)

O comerciante F confirmou a inexistência de procura por locações do tipo até então:

“Então, quando começou essa propaganda do estádio, começou a sair pra população que os imóveis iam aumentar muito. [...] Realmente aumentou bem, entendeu? Até hoje está aumentando, mas deu uma estabilizada. Tem gente pedindo R\$ 210 mil, R\$ 200 mil e está vendendo. O que está sendo vendido de apartamentinho no máximo 190 mil, 195 mil; o mais caro que a gente tem, planejado, é 200 mil reais, até dá... Mas o preço deu uma parada. Isso é o que está ocorrendo aqui. Mas andou tendo muita especulação e valores pra alugar pra copa. Isso aí está um negócio mentiroso, o mercado aqui. [...] É mentira.”. (Entrevistado F, imobiliária)

Outro discurso no mesmo tom foi apresentado pelo terceiro imobiliário:

[...]” assim, procura por locação para o período da Copa nós não tivemos. [...] A gente tem muita oferta. Tem gente que quer R\$100 mil, quero não sei quanto mil dólares, não sei o que. Mas procura real nós não tivemos. Nenhuma. Contam uma lenda de que alguém ia alugar muito bem aí, mas... Até agora nada. A não ser que seja alguma emissora de televisão, quer alugar uma casa para guardar o equipamento. Mas sabe o que é zero? Zero.”. (Entrevistado E, imobiliária)

Além disso, os rolezinhos³⁷ iniciados em dezembro de 2013 foram abordados nas entrevistas – especialmente nas conversas com os lojistas do shopping.

A comerciante H mostrou-se preocupada com a segurança do local: “Mudei de opinião em relação à segurança do shopping. [Achava boa, agora] acho falha. Têm poucos seguranças, a segurança deveria ser mais ativa. Principalmente se o fluxo aumentar.”.

O entrevistado L, no entanto, minimizou o acontecido: “A segurança do shopping é boa. Não vai ter nenhum problema com a segurança. Teve rolezinho e não teve problema nenhum. O pessoal [a mídia] colocou lá que roubaram, mas não teve nada não.”.

O entrevistado C (padaria), o único entrevistado após a partida entre Corinthians e Figueirense – realizada na Arena Corinthians –, esperava um movimento maior por conta do evento: “Não aumentou nada o movimento nesta padaria. No dia do jogo, o

³⁷ Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/cidades/noticia/?id=100000649830&t=>>>.

movimento da minha outra padaria aumentou. Ela fica próxima do acesso ao estádio pela Cohab. Mas ainda não é o que queríamos. A gente fez pedidos de bebidas e outras mercadorias, mas não deu aquela animação ainda não.”.

Outro fato impactante nos negócios da região foi a ocupação da Praça Emília de Freitas, situada na Rua Dr. Luís Aires.³⁸. O imobiliário E comentou o caso:

“Agora, uma coisa que eu não sei se vai ajudar ou não [no trabalho]. Está tendo muita invasão. Nesta praça já tem morador aí. [...] [E o outro terreno] é um pouquinho mais para frente. Quatro quilômetros daqui. Olha, sinceramente eu não sei [da onde vêm]. Mas são pessoas que não procuram trabalho. Você anda aqui, e não anda cinquenta metros sem ninguém pedir alguma coisa. Você fica encurralado. Entra gente aqui pedindo, e se você não der, levam o que você tem na mão. Ontem aconteceu isso aqui, e hoje nós não abrimos de manhã. Agora tem policiamento. [...] Eu vi pelo menos uns trinta policiais. E mais tarde vai começar a cavalaria. Coisa que não tinha antes. Mas também não tinha essas invasões.”. (Entrevistado E, imobiliária)

C) Terceiro momento de entrevistas

No dia 12 de junho teve início a Copa do Mundo e a partida de abertura – entre Brasil e Croácia – realizou-se na Arena Corinthians, como planejado. Os entrevistados comentaram sobre os impactos do evento em seus estabelecimentos.

O movimento da farmácia do entrevistado D sofreu uma queda: “Deu uma piorada, uma queda. Agora não sei te dar uma porcentagem, mas caiu. Tive que fechar em alguns dias de jogos do Brasil e aqui no estádio. Todo mundo fecha, e eu não vou ficar sozinho de porta aberta. Justamente por conta da insegurança.”.

Já a comerciante H, gerente de uma loja no shopping Itaquera, relatou aumento nas vendas:

“Desde o dia da abertura o movimentou aumentou. Melhorou bastante. Está sendo ótimo para a loja. Está dentro da expectativa inicial que nós tínhamos, que eu te falei no ano passado. [...] Olha, teve um aumento de 40% em relação ao mesmo período do ano passado. [...] O clima está gostoso. Está sendo bem legal. Tem muitos estrangeiros, turistas. Está sendo mundo muito bom.”. (Entrevistada H, loja de artigos esportivos)

³⁸ Esta ocupação aconteceu simultaneamente à ocupação de outro terreno, a cerca de 4 km da Arena Corinthians. Todavia, o pesquisador não conseguiu detectar uma relação direta entre os dois fatos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/05/ocupacao-em-itaquera-ja-reune-duas-mil-familias-diz-mtst.html>>.

De acordo com a entrevistada I, as vendas e locações de imóveis caíram durante o mundial:

“Agora com a Copa ninguém está trabalhando. Está todo mundo vendo jogo, torcendo para o Brasil ser campeão. Trabalhar mesmo, zero. Copa é assim mesmo, tem muitos feriados, em dias de jogos o movimento do comércio é muito baixo... [...] Caiu geral. Os dois, vendas e locação. Até locação! Antes, se eu tivesse dez apartamentos na Cohab pra alugar, eu alugava em quinze dias. Nesse último mês, se eu aluguei dois foi muito.”. (Entrevistada I, imobiliária)

A dona do bazar observou um aumento do movimento nos primeiros dias do evento:

“A Copa foi boa nos primeiros dias. O movimento aumentou muito. Se eu tivesse mais mercadoria no dia da abertura teria vendido bastante. Eu não quis arriscar e comprar muita coisa sem ter certeza que venderia. [...] Não investi nada pensando na Copa. [...] Depois foi a mesma coisa que nada, nos outros jogos aqui no estádio. O movimento só aumenta em dias de jogos do Brasil, o pessoal compra bandeira, camisa, coisas do tipo. Fora isso, nem parece que está tendo Copa.”. (Entrevistada R, bazar)

Outra entrevistada se mostrou decepcionada:

“Não aumentou nada [o movimento do comércio]. Assim, pra gente está mais fraco ainda. Caiu geral. [...] Já vem caindo [há alguns meses], né. A gente estava achando que depois da Copa iria melhorar, que o pessoal está segurando dinheiro, mas a gente está percebendo que o problema é que não tem mesmo [risos]. A situação está muito ruim. [...] Sim. Melhorou um pouquinho [depois da abertura]... Cerca de dez por cento. Deu uma melhoradinha, mas não manteve o que a gente vinha esperando. [...] [A Copa] ficou muito focada lá [próximo ao estádio]. Nós achamos que ia ter algo no entorno, que ia aumentar o movimento, e não tem. O pessoal já chega e desemboca lá no estádio, vai de metrô ou de trem... Assim, pela segurança e a agilidade eu acho que o que eles planejaram ficou excelente em nível de projeto. Mas a gente que está aqui, você não está sabendo como vai ser, não tem informação nenhuma de como vai ser. A gente até idealizou que fosse ter um movimento, mas não aconteceu nada. Quem passa aqui, passa de carro. Não teve alteração nenhuma.”. (Entrevistada P, paisagismo)

O faturamento do açougue do participante J aumentou:

“O movimento cresceu [desde a última entrevista]. Algo em torno de uns vinte por cento. [...] Em dias de jogos eu estou abrindo, mas aí não altera muita coisa para mim. Tem mais movimento na rua. Movimento aqui até aumentou um pouquinho, mas não tem muito a ver com quem vai ao jogo. [...] O que eu estou gostando é do clima de festa. Não sei se é por conta da proximidade do estádio, mas tá um clima de festa. O pessoal tá empolgado.”. (Entrevistado J, açougue)

O participante S (banca de jornal) observou uma queda do faturamento:

“Não mudou muito não [com a chegada dos turistas]. O gasto desse pessoal é muito setorial, é difícil comprarem alguma coisa aqui na banca. Para badalar ou passear eles vão para o centro, aqui acaba sendo só o local do jogo mesmo. [...] [O movimento] Está pior agora na Copa. O gasto do

peçoal está concentrado. Boa parte do peçoal está no vermelho, com o cartão estourado, cheque especial, etc. Com a Copa, o peçoal acaba gastando menos no supérfluo.”. (Entrevistado S, banca de jornal)

Dono de um salão de beleza, o comerciante A não notou mudanças em sua clientela: “O movimento nem subiu nem abaixou. Não alterou por conta de Copa do Mundo. Para o meu ramo não. Os clientes são os do bairro mesmo. [...] Em dias de jogos o peçoal até passa por aqui, mas passa meio apressado. [...] Não vem influenciando em nada aqui no meu negócio não.”.

Para o entrevistado F, o bloqueio de algumas ruas em dias de jogos na Arena Corinthians está atrapalhando o comércio local³⁹:

“Então, a Copa, pra gente que tá aqui e trabalha com o comércio, não está sendo muito boa não. Quando tem jogo tem que fechar. Teve um jogo aqui a uma hora [13h], e aí os policiais e a CET já fecharam tudo por aqui às dez da manhã. Acaba com o movimento. Pro comércio, em geral, não tá muito bom. Não é só a gente não. Mas para o restante, para a região... Eu mesmo vim na bagunça aqui ontem [risos]. Ver os gringos aí. Tá excelente, a Copa tá melhor do que eu achava que seria. Não teve problema com o estádio, tá sossegado. Mas para a gente do comércio, é difícil. Vai ter jogo aí uma hora [13h], vamos abrir? Não adianta nada. Mas a gente já esperava [o baixo movimento], então estávamos nos programando para isso aí. Desde o mês passado nós estávamos nos preparando para isso aí.”. (Entrevistado F, imobiliária)

Os bloqueios – e a queda no movimento – também foram citados pelo entrevistado B:

“É... Nos dias de jogos virou bagunça. Estão fechando as ruas e pessoalmente para mim tá atrapalhando muito. Tenho clientes lá em Itaquera [na outra loja] e não tem como passar. Tem outro caminho, mas ele não suporta. Vira um auê tremendo. [...] Caiu o movimento esse mês, viu. Muito. Não sei se foi a Copa, se foi um mês puxado, sei lá. Mas esse mês foi o mais fraco do ano. [...] Caiu uns trinta por cento, viu. Mas não foi tanto quanto a loja de Itaquera. A loja de Itaquera caiu mais ainda. Caiu mais da metade.”. (Entrevistado B, lanhouse e assistência técnica)

O comerciante E falou sobre a sua imobiliária:

“Compra e venda e locação está estacionado. Já tinha caído, agora está estacionado. [...] O preço está estacionado. [...] Em termos de compra e venda está meio parado, em termos de locação tá normal. Mas não em relação à Copa. Alugueis com contrato normal, tudo normal. Com a Copa não teve nada. A única coisa que eu fiquei sabendo é que teve uma pessoa que alugou para um equipe de reportagem por quinze mil reais. Só. Não fiquei sabendo de mais nada. [...] Teve muita oferta. Procura, nenhuma. Nenhuma. [...] Em dias de jogos, a gente vê pela televisão por que a gente

³⁹ O esquema de bloqueios usado pela CET durante a Copa foi semelhante ao montado durante a partida entre Corinthians e Botafogo, realizada no dia 01/06/2014. O bloqueio foi alvo de reclamações por parte de moradores e comerciantes. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-05/moradores-do-entorno-do-itaquero-reclamam-desconhecimento-sobre-bloqueio>>.

não pode abrir. Como a gente vem de fora, não dá pra chegar por que o perímetro é fechado. Mas parece que está tendo bastante movimento.”. (Entrevistado E, imobiliária)

Outro imobiliário confirmou a falta de procura por locações para a Copa:

“Cara, locação para a Copa... Veio um cara. Veio um chileno, passou por aqui e queria alugar um apartamento. Eles acabaram não retornando. Fora isso, nenhuma, nenhuma procura. Eles queriam o apartamento, aí deram o preço pra eles, e não retornaram não. Mas é claro, o cara queria quinhentos paus a diária. Ninguém paga isso. [...] Oferta tem bastante, muita gente oferecendo. Mas os gringos, bem poucos mesmo. Quase nada.”. (Entrevistado F, imobiliária)

Segundo o corretor E, muitos proprietários não conseguiram alugar seus imóveis para o mundial:

“Muitos imóveis que desapareceram, de locação e venda, as pessoas desesperadas ligaram e passaram para nós vendermos, alugarmos: ‘vende rápido pra mim, aluga rápido pra mim’. Inclusive tem o caso de um senhor que segurou até o último momento, não conseguiu alugar pra Copa e agora tá desesperado. Para a Copa praticamente não teve nada.”. (Entrevistado E, imobiliária)

A padaria do empresário C teve uma ligeira melhora no faturamento:

“Por enquanto teve uma pequena melhora. Nada muito significativo, algo em torno de cinco por cento. Em dias de jogos do Brasil o movimento melhora. Mas durante os outros jogos não muda muita coisa. [...] O povo daqui não vai em jogos. Quem vai chega de metrô ou de carro, acaba não passando por aqui. Eu diria que a Copa não teve grandes benefícios aqui para o meu comércio. Nos fins de semana melhora, mas em dia de jogos que não da seleção, fica mais ou menos igual.”. (Entrevistado C, padaria)

A dona do bar, entrevistada Q, viu o movimento de seu estabelecimento cair:

“Todo mundo caiu do cavalo [referindo-se aos comerciantes vizinhos]. Caiu tudo [em relação ao movimento]. Quando tem jogo do Brasil não tem uma alma na rua. Aqui tem tevê para o pessoal assistir os jogos, mas não aparece ninguém. [...] No dia da abertura foi horrível, não tinha ninguém na rua. Eu não estava entendendo o que estava acontecendo. Foi aí que eu entendi: Copa é feita para quem tem dinheiro, para o brasileiro rico. Quem tem [dinheiro] vai assistir o jogo na Vila Madalena. Aqui falta o produto principal: gente. Não tem quem compre. [...] Eu já fiz a experiência, tentei colocar tevê, sorvete, refeição, cerveja, cigarro... Nada dá certo. Fiz um péssimo negócio. Para nós, a Copa não trouxe benefício nenhum. A Copa é para o brasileiro que tem grana. [...] Eu atirei no que eu vi e acertei o que não vi, infelizmente...”. (Entrevistada Q, bar)

Por fim, a ocupação da Praça Emília de Freitas, apresentada no segundo momento de entrevistas, teve um desfecho: a expulsão das famílias pela cavalaria. Nas palavras do comerciante E: “Foram retirados, a polícia veio – a cavalaria veio – e tirou todo mundo. Não sei dizer para onde foram, só sei que foram retirados. [...] Isso foi uns vinte dias antes [da Copa]. Ainda tava em obras.”.

5.2.2. Na imagem do bairro

A) Primeiro momento de entrevistas

Em relação à imagem do bairro perante as pessoas de outras partes da cidade de São Paulo, um dos lojistas comentou entusiasmado:

“Mudou, mudou plenamente. (...) porque antes aqui o bairro era discriminado. Diziam que era violento, e não tinha nenhum entretenimento pro pessoal, não tinha nenhum... Para você entender melhor, um marco. Esse estádio vai ser um marco aqui para a gente, porque todo mundo vai se situar, né. (...) Uma referência. E, resumindo, e isso aí traz muito desenvolvimento para nós, né. (...) Aqui a periferia ela vai crescendo, crescendo e o progresso vai chegando. No momento em que o progresso chega aqui para a gente, aquelas coisas ruins que tem aqui, más pessoas, classe mais baixa, para falar o português claro, elas se afastam. Quando o progresso vem, como o estádio aí, valorizou os imóveis. A pessoa de poder aquisitivo melhor, quando ela percebeu que o imóvel aumentou de preço, ela já vendeu e já comprou outro bem para lá, você está me entendendo? Aí o que acontece, vem para cá um tipo de pessoa diferente, que vem do Tatuapé, que também faz a mesma coisa. Então, eu analiso assim, eu acho que está sendo bom. Ótimo.”. (Entrevistado J, açougue)

A mesma positividade foi notada em outro comentário, descrito a seguir:

“Por enquanto eu acho que está a mesma coisa. Como o pessoal de fora ainda não veio para cá, porque o estádio não está pronto, então eu acho que deve estar a mesma coisa. Eu acho que quando o estádio estiver pronto, o pessoal vai ter outra visão do bairro. A tendência é melhorar, automaticamente. (...) As pessoas ainda acham que aqui é um lugar meio atrasado. Meio periferia ainda. Mas essa mudança vai haver com o estádio novo. O pessoal vai ver que a Zona Leste, essa parte de Itaquera, tem os lados bons também. E o que vai ter ao redor do estádio automaticamente vai ser coisas boas, né. Vai refletir uma imagem diferente do bairro.”. (entrevistado O, depósito de materiais de construção)

O vendedor ambulante (N) observou uma conexão entre a mudança de imagem do bairro e do Parque do Carmo, onde trabalha:

“Mudou, com certeza. (...) Ah, porque muita gente esbanjava elogios ao Ibirapuera e ao mesmo tempo diminuía o Parque do Carmo. Até porque hoje a gente tem um diretor que está trabalhando muito, está fazendo um bom serviço. (...) Eu acho que tem sim [a ver com a construção do estádio], porque uma melhoria no parque impacta também isso aí. Eu acredito.”. (Entrevistado N, ambulante)

Mais uma comerciante percebeu que o estigma de Itaquera diminuiu:

“Eu acho que as pessoas começaram a ver com outros olhos, acho que teve uma valorização do bairro, né. (...) Eu acho que olha. (...) Antes quando você

falava: 'Eu moro em Itaquera', e a pessoa falava: 'Itaquera, né...'. Hoje você fala: 'Eu moro em Itaquera', e você ouve: 'Puxa, que legal. Perto do estádio?'". (entrevistada H, loja de artigos esportivos)

O entrevistado A revelou uma opinião diferente. Para ele, o bairro só ficou mais conhecido:

"Acho que mudou, sim! (...) Olha, eu tenho, eu vou sempre na Vila Formosa que a minha a minha sogra mora lá, e a gente percebe não comentários maiores sobre a região, nunca ninguém falou ah, ah, lá tá bom, lá não sei que lá... (...) Pelo menos se fala mais, se comenta da região, deixou de ser anônimo, né." (Entrevistado A, salão de beleza)

Outro comerciante endossou a avaliação anterior:

"A única coisa é que agora eles falam: é onde está o estádio do Corinthians, sabe. Só uma referência; não melhorou a imagem. Continua sendo Zona Leste do mesmo jeito." (entrevistado B, lanhouse e assistência técnica)

A proprietária do bazar informou acreditar que algumas pessoas veem os jogos a serem realizados com receio:

"Então...Vamos supor, eu vou em algum lugar e eu falo que vou estar perto do campo do Corinthians, onde as coisas estão acontecendo, as pessoas falam: 'meu Deus, eu não queria ser você lá (...) Eu acho que as pessoas veem Itaquera como por um lado vai ser bom e por outro vai ser ruim. Pra quem mora e trabalha perto do campo, como a gente, eu acho que não vai ser uma boa. Principalmente pra quem trabalha, que tá com o comércio aberto, porque a gente não vai ter sossego. Eles vão passar, vão arrebentar, que nem a gente vê por aí. A maior bagunça do mundo." (Entrevistada R, bazar)

Dona de um restaurante nas proximidades, a entrevistada Q ressaltou que a imagem do bairro passou por uma alteração: "Era visto como fundão. (...) Hoje veem como um bairro mais próspero."

B) Segundo momento de entrevistas

O lojista L (loja de artigos esportivos) acredita que o bairro melhorou desde a última conversa, mas tem dúvidas sobre a percepção de quem não mora na região: "O bairro está melhor para quem mora aqui. Quem não mora aqui não conhece, não sabe o que tem de bom por aqui".

Para a entrevistada H, gerente de outra loja de artigos esportivos, o estigma sobre a região ainda não mudou: “Acho que ainda existe muito preconceito. Muita gente pensa que aqui é o fim do mundo. Acho que vai mudar, mas ainda não”.

Na visão do comerciante C, dono de uma padaria, o estádio deixou o bairro mais conhecido: “Agora as pessoas perguntam mais, querem saber do estádio. Coisas assim. Virou uma referência.”.

O empresário J (açougue) vê uma melhora na imagem do bairro:

“Tá melhorando. A gente tá começando a aparecer toda a hora na televisão. Todo o dia no jornal. Então o pessoal agora já sabe onde fica Itaquera, né. Onde fica o final da Radial Leste, estádio do Corinthians, estação Corinthians do metrô... O pessoal já sabe onde fica. Antigamente não eram todos que sabiam, né.”. (Entrevistado J, açougue)

Em contrapartida, o comerciante B questiona alguns rótulos relacionados à região, principalmente no tocante à violência:

“Não [não mudou]. Não, porque por exemplo eu tenho uma vó que mora no Jardim Ângela. Lá também não se tem sossego. Eu morei no Grajaú... é geral. O pessoal acaba rotulando: “é, na zona leste”! Outro dia eu fui no zoológico, e tinha um palhaço... até o palhaço debochando da violência de Itaquera... eu falei: ‘Putz grila. Saio lá de Itaquera pra ser humilhado aqui!’ [risos] Entendeu? O pessoal acaba construindo aquele rótulo. Mas violência tem em tudo que é lugar.”. (Entrevistado B, lanhouse e assistência técnica)

Para a empresária Q, quem vai para a região passa a vê-la com outros olhos:

“O sentimento de quem é de fora é variado. Tem pessoas que temem a violência, acham que aqui não tem nada. Mas pelo menos a região ficou mais conhecida, quem vem pra cá vê que não é como pensavam.”. (Entrevistada Q, bar)

O entrevistado S, por sua vez, acredita que a maior exposição do bairro levou a preços irrealistas do mercado imobiliário:

“Acho que uma obra como essa traz coisas boas e ruins. Por um lado, todo o mundo vai conhecer Itaquera, Arthur Alvim. Mas também supervalorizaram a região. Estão pedindo R\$ 200 mil em apartamentos aqui da Cohab, o preço está muito alto. Não vale tudo isso não.”. (Entrevistado S, banca de jornal)

O lojista G, de um depósito de materiais de construção, não crê que os moradores de outras partes da cidade estejam vendo o bairro como mais desenvolvido:

“Então, assim... O que se vê é que o bairro ficou mais conhecido, mais comentado. Por exemplo, teve um pessoal que veio de Minas para cá. Quiseram ver o estádio. Lá em Minas está sendo comentado: “Quando eu for lá, quero ver o estádio”. Mas em termos de curiosidade, não de falar que o bairro melhorou. Eu não ouvi nada disso.”. (Entrevistado G, depósito de materiais de construção)

Para o empresário E, a visão da maioria das pessoas sobre Itaquera é negativa:

“Quem não é da região – e não é de hoje – sempre achou que aqui era uma aldeia. A percepção das pessoas de fora é que aqui não tem saneamento básico, não tem asfalto, não tem luz, não tem água. Entendeu? É isso. Agora, eu não sei. Porque a mídia também não está favorecendo muito a região. Mostra o que tem de ruim. Mas a região também tem muita coisa boa. [...] Quando falaram que iam construir o estádio aqui, teve gente falando: ‘mas como os torcedores vão fazer para chegar ‘naquele lugar’’. Como se fosse o fim do mundo.”. (Entrevistado E, imobiliária)

Ele ainda compartilhou um caso de uma conversa com um antigo cliente:

“Nós tivemos um terreno até bem grande, e o dono é do Brás. E ele, quando colocou com a gente a venda, ele disse: ‘Então, porque aqui em São Paulo...’. Aí eu falei assim: ‘Mas nós estamos em São Paulo!’”. (Entrevistado E, imobiliária)

De acordo com o comerciante D, a região ficou mais conhecida, contudo isso não significa que o bairro seja visto com bons olhos:

“Ficou mais conhecida, né? Ficou mais conhecida; Agora, poucas pessoas com quem eu já conversei também não gostariam de vir pra cá. Eu tenho uns amigos que moram na zona sul, pra aqueles lados, e falam que em dia de jogo não vem para cá, porque têm medo, por que ouve ouvir muita coisa e tal. Eu acho que nesse sentido não mudou muita coisa apesar de que é um grupo muito pequeno de pessoas. Agora, existe a percepção, claro; está em evidência o local, né? Quando se fala alguma coisa de onde eu estou, na Cohab, aí fica uma interrogação. Eu estou lá do lado do estádio do Corinthians! Ah, tá lá? Aumentou um pouco do conhecimento do local, mas não sei se as pessoas olham isso com bons olhos.”. (Entrevistado D, farmácia)

C) Terceiro momento de entrevistas

O farmacêutico (D) acha que o bairro está mais conhecido após a exposição na mídia:

“Há algum tempo atrás aconteceu comigo de falar de Itaquera e a pessoa falar: ‘Nossa, onde é?’. Nem sabia onde ficava. Agora o pessoal pelo menos já sabe que fica em São Paulo, que fica na cidade, não é uma aldeia. O bairro está mais conhecido, mas ainda tem um certo preconceito sim.”. (Entrevistado D, farmácia)

A vendedora H – gerente de uma loja no shopping Itaquera – vê uma reação de surpresa nos novos clientes:

“Acho que mudou sim. Estão vendo de uma forma diferente. As pessoas se surpreendem com a região. Muita gente achava que aqui tinha índio [risos]. Agora, com a Copa, quem não conhecia tem uma visão diferente. Algumas pessoas se surpreenderam com a loja, disseram que não imaginavam uma loja dessas na Zona Leste. Estou notando bastante entusiasmo.”. (Entrevistada H, loja de artigos esportivos)

A paisagista (P) teve impressão semelhante: “Eu acho que eles [os que são de fora] ficaram surpresos pela ideia que eles tinham, como imaginavam o que é, por ser periferia... Acho que tiveram uma certa surpresa quando chegaram. Viram que não é como eles pensavam.”.

Para o imobiliário F, a região está sendo vista com outros olhos:

“Tenho alguns colegas que vieram aqui e comentaram isso esses dias [mudança de percepção sobre a região]. É aquela coisa, que nem Morumbi, Pacaembu... Tem estádio perto, não tem? Depois que fizeram o estádio, teve uma valorização. Eu acho que estão enxergando a gente com outros olhos. Tão enxergando a gente de maneira diferente. Itaquera vai dar uma valorizada... Itaquera, Arthur Alvim... Estão falando de fazer uma rodoviária, né. Tão fazendo uma Fatec aí também. Tão pensando em um polo, em uns projetos de trazer empresas, indústrias para cá. O polo industrial de Itaquera. Tem um projeto aí.”. (Entrevistado F, imobiliária)

Outra opinião foi apresentada pelo comerciante B:

“Ah, eu acho que não [mudou], viu. Acho que até o pessoal que veio continua criticando. Continua. A Zona Leste é a Zona Leste. Teve uma amiga minha que convidou uma colega dela para vir assistir um jogo, e ela respondeu: ‘eu não vou nesse fim de mundo, no extremo leste, para ver o jogo de jeito nenhum’. É meio... Sei lá. O extremo leste está bem longe daqui, viu. É que ninguém conhece Cidade Tiradentes, né. Você já foi lá? [...] É longe, daqui ainda é longe.”. (Entrevistado B, lanhouse e assistência técnica)

Na visão do participante E, a percepção de quem é de fora da região melhorou:

“Melhorou muito. Não sei se o comentei com você, mas tem um rapaz que trabalha comigo que mora em Franco da Rocha, que não é nenhuma maravilha. Ele teve a pachorra de perguntar pra mim se aqui tinha saneamento básico. A imagem que tinham daqui era ridícula. Agora, com a chegada do campo, estão conhecendo mais. [...] Ah, o pessoal que vem acha bonito, né. Fala que não sabia que era assim... Apesar que muita coisa foi feita para a Copa. O pessoal pintou, arrumou, deixou as calçadas arrumadinhas. Não era assim, deu uma melhorada boa. O pessoal que vem têm dito isso: ‘ah, é muito organizado, é bonito, é limpinho’, mas muita coisa foi feita para a Copa. A limpeza foi feita para a Copa, a praça ficou cuidada. [...] A gente gostaria que o ‘padrão FIFA’ continuasse, depois da Copa. Mas pelo menos é melhor para nós que outras pessoas estão tendo uma visão diferente da Zona Leste.”. (Entrevistado E, imobiliária)

Segundo o dono do açougue (J), Itaquera está mais conhecida: “Eu acho que está [mudando a percepção]. Eu acho que está. Por que até um tempo atrás a gente era esquecido, né. E agora parece que tá... Pelo menos São Paulo inteira conheceu Itaquera. Já estava passando da hora. [risos].”

De acordo com o entrevistado C, ainda há preconceito em relação à Zona Leste:

“Isso não mudou. Num dia desses a minha mulher colocou uma foto daqui no facebook, instagram, nas redes sociais que ela tem, para o pessoal ver como é a região. Que não é o que todo mundo pensa, que a Zona Leste não é o fim do mundo. Mesmo assim, o pessoal ficou falando que não viria para a ZL. Isso não muda não...”. (Entrevistado C, padaria)

Já para a imobiliária I, os torcedores não circulam pelo bairro:

“Eu acredito que sim. Outro dia saiu uma reportagem dizendo que os turistas foram bem recebidos aqui no bairro. Acho que tem um impacto. [...] O estádio é muito lindo. Assim, eu acho que o pessoal não se aprofunda para ver o bairro. A gente não tem nada para oferecer. É acessível, o metrô está funcionando muito bem, mas não tem nada para os turistas aqui no bairro. Eles só vêm ver o jogo e depois vão para a Vila Madalena.”. (Entrevistada I, imobiliária)

5.2.3. Nos serviços públicos

A) Primeiro momento de entrevistas

Um dos participantes denunciou a piora do trânsito devido a obras viárias, porém elogiou as escolas do bairro:

“A única coisa que eu vejo de ruim é o pessoal da obra que não tem respeito pelos moradores. Eles atravessam o caminhão no horário de pico, num trecho da radial em que são duas faixas e fica uma faixa só pra todo mundo, ônibus, caminhão... Pra você ter uma ideia, eu moro, da minha casa dá cinco minutos, tem dia que eu gasto uma hora e quarenta. (...) Ou eu dou uma volta na metade de São Paulo pra atravessar ou fico parado no trânsito. (...) Estão investindo em uma escola aí em cima, que é uma ETEC, parece que vai abrir uma outra mais pra baixo... As escolas daqui o pessoal fala que são boas.”. (Entrevistado B, lanhouse e assistência técnica)

Inserido na área da saúde, o entrevistado D (farmácia) criticou duramente a qualidade dos profissionais:

“Está piorando cada vez mais. Falando em particular na minha área. (...) Cada ano que muda alguém... Na minha área específica você vê muita reclamação, muita em geral. Hospitais, em geral, cada vez pior, cada vez mais espera, cada vez médicos e atendentes eu diria assim que é uma questão de educação, não de cultura, mais mal-educados. A pessoa vem tirar dúvida aqui na farmácia. Tudo bem, eu pude estudar, eu tenho uma formação, eu procuro trabalhar dentro do que eu conheço falar o correto mas dúvidas simples não são esclarecidas, nem em UBS, nem em hospitais, a classe médica em geral, na minha opinião, está com muita má vontade. Até agora, neste sentido, cada vez pior. (...) Na área da saúde eu vou falar pelo meu ramo aqui. Eu já tive muita reclamação, cada vez pior. Os postinhos então, pelo amor de Deus, uma calamidade.”. (Entrevistado D, farmácia)

Segundo o entrevistado J, a infraestrutura e a saúde já estariam recebendo investimentos:

“Ah, eu acho que em infraestrutura, né. Porque você vê que estão melhorando as avenidas, em questão de saúde, estão investindo nos hospitais

aqui próximos, ou pelo menos é o que a gente fica sabendo, né. Estão fazendo aqui parece que um... Fórum, que também se não fosse o campo não iam fazer, né. Parece que vão fazer uma ETEC... Isso tudo vem através do aglomerado, né. (...) na área da saúde, a gente escuta falar, mas na educação não. Na educação a gente nem escuta falar. Na saúde a gente sabe que o governo deu uns valores para eles investirem na área da saúde, para melhorar o atendimento. Agora, na educação eu não escutei...". (Entrevistado J, açougue)

A opinião da paisagista (entrevistada P) foi a de que a situação dos serviços públicos do bairro pirou:

"Eu acho que piorou. Já estava ruim, e não melhorou nada. E acho que na medida que vai aumentando a população, acho que deveria ter uma medida de suprir isso melhorando. Se já está ruim, aumenta o número de pessoas que precisa do serviço, aí é mais concorrência. Mais gente para usar, é pior. O transporte também, né. Esse metrô aí... Eu tenho um filho que ele mora no Centro em função disso. Porque é impossível, ele estuda, sai onze horas e pouco da faculdade, ele chegaria meia noite e meia. No outro dia tem que entrar oito horas no serviço, ele trabalha no Limão. Então ele está dividindo comigo. Minha filha também está morando com a tia, em função do transporte. Eu só tenho um que tem mais flexibilidade de horário – entra mais tarde e sai mais tarde – que consegue, mas o que a gente tem de pior aqui é transporte. Mesmo o metrô. Como que vai ficar isso depois...". (Entrevistada P, paisagismo)

Uma reclamação em particular foi recorrente entre os participantes, referente à retirada de uma linha de ônibus:

"Continua tudo igual. Ainda tiraram a linha de ônibus que tinha aqui. (...) Parque Dom Pedro. (...) O Simon Pedro, que é o vereador aqui da área, disse que ia voltar, mas até agora nada. Tem um pessoal que mora mais distante do metrô, e esse ônibus passava lá, entendeu? (...) Agora não tem mais essa linha, e o pessoal tem que caminhar mais, né. E enfrentar o metrô lotado, né.". (Entrevistado G, depósito de materiais de construção)

"Eu só vi mudança porque tiraram o ônibus aí e ficou pior, tinha trinta anos de ônibus aqui do Pq. Dom Pedro. Eu raramente pego ônibus, porque eu quase não saio daqui, e quando saio pego metrô, mas pra quem pega diariamente ficou péssimo, tá? As pessoas estão sentindo muita falta e estão reclamando muito. (...) Eu acho um absurdo. Imagina as pessoas que moram lá pra cima, não tem como ir a pé, chegam tarde do serviço, depois de trinta anos tirarem o ônibus aqui da Cohab.". (Entrevistada R, bazar)

"Aqui a gente tem tudo: tem mercado, tem Extra, tem uma série de comércios bons; tem transporte... A única coisa ruim é que agora tiraram a nossa linha de ônibus que ia para o Parque Dom Pedro. Isso não foi legal, acho que prejudicou bastante. (...) Ela ia de dentro do conjunto, próximo ao Metrô Arthur Alvim até o Parque Dom Pedro. (...) Agora para ir até o Pq. Dom Pedro a gente tem que pegar dois ônibus. Ou pegar uma perua que vai até o Arthur Alvim e na radial pegar um ônibus, ou pegar um aqui que vai até o Terminal Carrão e fazer uma baldeação, mas é tudo muito lento, né. Esse da radial é rapidinho, mas mesmo assim você perde tempo. O tempo que eu gastaria pegando aqui e indo direto é bem menor. (...) acho que é coisa de um mês, um mês e meio. Faz pouco tempo. Primeiro eles tiraram a

Zona Sul, depois não sei se teve outro lugar, aí eles tiraram a Zona Leste. Mas não é só essa linha, tiraram várias linhas.”. (Entrevistada P, paisagismo)

“O transporte ficou muito ruim. De uns anos para cá mudou. Tiraram algumas linhas de ônibus e atrapalhou o transporte. Foi depois [da construção do estádio]. (...) Pode ser que veio para melhorar depois. Mas foi depois do estádio. O transporte mudou. (...) Eles tiraram outras também. Aqui atrás tiraram uma linha. Ali na frente no outro ponto também saiu.”. (Entrevistado O, depósito de materiais de construção)

B) Segundo momento de entrevistas

O farmacêutico (entrevistado D) falou sobre os impactos nos serviços públicos desde dezembro de 2013:

“[...] eu acho que em matéria da região vai trazer um desenvolvimento sim, alguma coisa significativa. Bom, já trouxe viadutos; mudaram algumas coisas lá pra cima em matéria de trânsito. Então, organizou alguma coisa que estava meio bagunçada que, faz vinte anos que eu vim pra cá e sempre ficou desse jeito. Mas agora organizaram... o cruzamento lá pra cima... então, por causa dos viadutos, que estão saindo, organizaram os cruzamentos. São coisas que trazem uma melhora. Nesse sentido a gente já teve benefícios [...] Saúde e educação vão mudar muito pouco.”. (Entrevistado D, farmácia)

O entrevistado A, dono de um salão de beleza, identificou uma melhora no policiamento da área:

“Uma coisa que a gente tá vendo agora, nos últimos dias, de três a quatro dias pra cá, é que está passando mais policiamento aqui, cavalaria tá passando aqui; eu não sei qual a intenção deles, se é só por esses dias pra adaptação dos animais na abertura da copa ou se vai continuar. No meu ponto de vista, se continuasse o policiamento, igual está passando aí com mais frequência, aquelas rondas Rocan com motos, como a gente tem visto esses dias, então, se continuar com frequência vai ficar melhor; se é só pra próximo da Copa e depois ir embora também não vai resolver nada.[...] E acho que o estádio não vai alterar em nada [...]O que as pessoas esperavam, era melhorar os hospitais, os postos de saúde, escolas, esse tipo de coisa... Parece que a calçada da escola daqui, que estava toda quebrada, arrebentada, eles arrumaram agora, na semana passada. Recente, né? Em cima da hora, mas já é alguma coisa. Menos mal, né?”. (Entrevistado A, salão de beleza)

O comerciante C também visualizou um aumento no contingente policial:

“Não mudou nada, está tudo igual. A única coisa é que agora tem mais policiais na rua, mas as outras áreas, como saúde e educação, estão iguais. [...] Agora eles estão só dando uma maquiada, pintando, fazendo coisas que não faziam antes. Mas quando acabar a Copa, volta tudo ao normal.”. (Entrevistado C, padaria)

A dona do bazar, entrevistada R, mostrou não ter muitas esperanças em relação a alguns serviços públicos: “Agora tem mais policiamento. Mas quanto ao resto, não há

perspectiva grande de melhora. Saúde, educação, transporte... Há, na verdade, descrença. Saúde está um desastre. Não mudou.”.

O comerciante S, da banca de jornal, mostrou-se em dúvida quanto à permanência do recente policiamento:

“Por enquanto está a mesma coisa. A única coisa que mudou foi que esses dias começou a vir mais policiais. Até a cavalaria apareceu. Isso é bom, mas o que não dá pra saber é se vai continuar depois da Copa do Mundo. Talvez seja só preparação pra Copa.”. (Entrevistado S, banca de jornal)

Por outro lado, a lojista H destacou as obras viárias realizadas no entorno: “Está um caos [os serviços públicos]. A área da saúde parece que não mudou. Educação também. As únicas mudanças foram as obras viárias.”.

Já a comerciante P reclamou do trânsito tumultuado na região e do aumento da violência:

“Tem aquela coisa da empolgação do estádio, da copa, isso aí é uma coisa momentânea também. Tá um negócio estacionado. Não teve alteração não. E agora começa a ficar a preocupação: como vai acontecer tudo? Problema de trânsito aqui piorou muito; tem hora que está tudo parado. Aqui dentro também. Até a marginal; caiu a moto, ninguém anda. O farol quebrou ali, trava tudo.”. (Entrevistada P, paisagismo)

“Mudou alguma coisa aí. Segurança. Está tendo muitos problemas aqui agora. Em conta não sei se da Copa ou do aumento da violência, tem aumentado bastante os problemas de assalto. Aqui na vizinhança me estouraram a porta. Eu estou aqui há bastante tempo e isso nunca aconteceu. O vizinho ali também. Prejuízo foi maior com a porta, né? Porque eu não tenho coisas de valores pro pessoal estar levando, mas tive o prejuízo de algumas coisas. E na vizinhança a gente tem visto roubo de carro, aumentou muito...”. (Entrevistada P, paisagismo)

O entrevistado E lembrou-se de alguns equipamentos instalados próximo ao estádio, além das obras viárias:

“A mídia não ajuda. Só mostra o lado ruim. [...] É igual falam: ‘Ah, por conta da Copa tal área está ruim no Brasil’. Não, a Copa é uma situação. Se não tivesse a Copa não iria mudar. Desde que eu me conheço por gente a gente não tem estrutura. Que nem, vai ter a Fatec aqui, vai impulsionar o estudo. [...] Melhorou... Chegou Senai, Etec, Fatec... [...] Então, tem o lado bom também. Todo lugar tem o lado bom e o ruim. É que a gente acaba sendo um pouco esquecido.”. (Entrevistado E, imobiliária)

“Olha, o que eu posso te dizer é que hoje a gente está com acessos, assim, inúmeros. Mas eu não sei se na época da Copa, que vai ter muito mais pessoas vindo para cá, nos dias de jogos, aí eu quero ver como que vai estar. Aí você vai ter que voltar aqui e perguntar de novo [risos]. [...] Hoje melhorou, entendeu? Tá rapidinho! Tem túnel aqui que a gente nem sabe para onde vai, nem pegamos ainda.”. (Entrevistado E, imobiliária)

Outras melhorias foram lembradas pela comerciante I:

“Melhorou um pouco [com as obras viárias], sim. E que eu espero que continue. Por exemplo, que nem limpeza, né; limpeza das ruas, praças. Agora estão limpando, né. Tem cavalaria agora, à noite tem cavalaria pra quem chega tarde.”. (Entrevistada I, imobiliária)

O entrevistado G foi cético em relação às obras públicas executadas:

“Surgiu esse negócio da Copa, que iam fazer a abertura aqui, que ia fazer o estádio e o pessoal animou bastante porque divulgaram que – não só aqui, mas ao redor de qualquer estádio – ia ficar obra, que ia melhorar o entorno, fazer hospital... Todo mundo tava pensando isso. Então, e na verdade, não trouxe [melhoras]. Nada. A única coisa que se vê de obra para a Copa é logo em frente ao estádio. Entendeu? Mas aquilo ali... Não sei se isso depois vai melhorar em alguma coisa, eu não sei.”. (Entrevistado G, depósito de materiais de construção)

C) Terceiro momento de entrevistas

A participante H comentou sobre os impactos recentes nos serviços públicos da região. Destacou o policiamento:

“Olha, a gente só está vendo mais policiamento. Tem bem mais policiais nas ruas, pelo menos agora no período da Copa. Tomara que continue, mas acredito que seja só por esse período. Quanto às outras áreas, como saúde e educação, estão iguais. Não teve melhora nenhuma.”. (Entrevistada H, loja de artigos esportivos)

O empresário A notou melhora no serviço de iluminação pública nos arredores de seu estabelecimento comercial:

“Agora eu tô vendo dez ou quinze por cento mais de policiais. Pouca coisa. Antes da abertura veio a cavalaria, ficava andando pra lá e pra cá. Mas depois que começaram os jogos mesmo, tá normal. [...] Algumas coisas que a gente vê é a iluminação pública, que melhorou. Acho que basicamente... Calçadas, refizeram a calçada de uma escola aqui perto. O básico, o que era para ter sido feito mesmo sem Copa do Mundo. [...] Se você desce lá para perto do metrô, até que sim, talvez mudou alguma coisa, mas aqui eu não tenho visto nada não [relacionado aos outros serviços públicos]. [...] A única coisa que eu achei que ficou melhor mesmo foi a iluminação. Não tem nenhuma lâmpada queimada. Antes era tudo escuro por aqui. Isso melhorou.”. (Entrevistado A, salão de beleza)

As obras viárias e o maior contingente de policiais foram citados por outro comerciante:

“O túnel, as obras viárias ficaram prontas, ficou tudo arrumadinho. O túnel ajudou bastante. Antes a gente levava meia hora para voltar, agora em dez minutos a gente vai até o centro de Itaquera e volta. Ficou muito bom para o local, aumentou bem a agilidade. A logística da coisa. Tá bem rapidinho. [...] Tem muita polícia. Até o Exército a gente está vendo aí. Mas o que você vê que aumentou, segurança e polícia aumentou. Direto você vê eles passando a pé. Aumentou a segurança do local. Em dia de jogo tem policial que brota.”. (Entrevistado E, imobiliária)

Os mesmos serviços foram comentados pela entrevistada Q:

“Tá igual o Brasil todo, uma porcaria [os serviços públicos]. Nosso país está jogado às traças. Teve as obras viárias. Fizeram viadutos... Pelo menos fizeram alguma coisa. Mal feito, mas fizeram. Já vi o acabamento daqueles viadutos? Horrível. Se não fosse a Copa não fariam nada. [...] O policiamento está igual era antes: não tem. Desde o início da Copa eu vi três policiais passarem por aqui, isso no dia da abertura. Mas a segurança não piorou não.” (Entrevistada Q, bar)

Embora veja melhorias no trânsito e no policiamento, o entrevistado J não sentiu mudanças em outras áreas:

“Olha, o trânsito está fluindo bem. O policiamento aumentou bastante em dias de jogos. [...] Não vi diferença nisso aí não [outros serviços]. Não vi por que eu também não utilizei nenhum agora nesse período, mas não vi melhoria nenhuma. Tirando o policiamento na rua, não vi nenhum não.” (Entrevistado J, açougue)

O lojista C se mostrou preocupado com a segurança pública:

“No jogo do Corinthians⁴⁰, um pessoal de Campo Limpo, um pessoal doido, chegou aqui de ônibus. Eram de torcida organizada. Eles agrediram clientes e ameaçaram fazer arrastão aqui na loja. Eu fui falar com o batalhão da Polícia Militar para ver se eles tomam alguma providência. Se continuar assim em dias de jogos do Corinthians, eu vou ter que fechar.” (Entrevistado C, padaria)

Outro comerciante notou melhoras na iluminação pública:

“Segurança não teve nada não. Dá algum receio. Passa gente por aqui em dia de jogo, aí dá um certo receio. Mas não teve nada, nenhum problema por aqui. E eles colocaram polícia até demais na rua. Tem hora que tem um monte de viaturas e motos na mesma rua, quando eles estão se preparando para o jogo, né. [...] A iluminação melhorou. Antes a rua aqui era um breu. Agora até parece que está de dia. Ajudou bastante, principalmente à noite. Por que o comércio não chegava aqui durante a noite. Agora deu uma melhorada.” (Entrevistado B, lanhouse e assistência técnica)

A participante P, paisagista, comentou sobre o aumento do número de policiais e a área da saúde:

“Está tendo mais policiamento por conta do evento. Deveria ter sempre. Tem um policiamento que a gente nunca viu. Exército. [...] Teve um dia que eu me senti em um forte, por que tinham seis helicópteros por aqui. E eles são parrudos, fortes. Me senti em um forte. Isso foi na véspera da abertura. [...] Fora isso, não vi não. A gente sabe como é política, né. [...] Olha, saúde a gente já percebe que vem melhorando algumas coisas... Eu tenho plano de saúde, então não estou precisando. A gente ouve bastante reclamação, mas já vinha melhorando há coisa de uns dois anos. É difícil. Demorava dois anos para ver um especialista. Hoje tem um prazo menor, seis, sete meses... Já melhorou. Eu não estou usando, mas já melhorou. Isso pelo que a gente conversa, né. Fica sabendo.” (Entrevistada P, paisagismo)

A segurança foi destacada por outra entrevistada:

“A única coisa que a gente percebe é a segurança. A segurança está cem por cento. Quando tem jogo os policiais começam a chegar sete da manhã. Tem muitos policiais. Mas a gente tem certeza que isso acaba com a Copa. E os

⁴⁰ Partida entre Corinthians e Botafogo, realizada na Arena Corinthians no dia 01/06/2014.

outros serviços estão a mesma coisa. Veio o Itaquerao pra cá, está bonito, e é isso.”. (Entrevistada I, imobiliária)

O lojista S não viu mudanças significativas na prestação de serviços públicos:

“Rapaz, teve um buraco que estourou aqui na rua, aqui atrás da banca, e ficou um ano para ser consertado. O esgoto ficava a céu aberto. Ligamos, ligamos e nada. Só foi consertado algumas semanas atrás, por conta da Copa. Serviço público não funciona, a não ser que a mídia mostre ou você conheça ou seja alguém importante. Eles só deram uma maquiada. O estádio obrigou o governo a fazer algumas melhorias, mas quando a Copa acabar, volta ao normal. Não fizeram hospital, não melhoraram a educação... Só pintaram muros e taparam buracos. Os serviços vão melhorar um pouco até as eleições, depois para. Aí Itaquera volta a ser uma cidade dormitório. [...] A segurança quadruplicou. Isso foi um ponto positivo. Até o Exército montou uma base por aqui. A preocupação é que eles vão embora depois da Copa e volte a ser como era antes.”. (Entrevistado S, banca de jornal)

5.3. Expectativas

Conhecer expectativas e esperanças indica como o processo de desenvolvimento da região é percebido pelos comerciantes locais. Além disso, o acompanhamento das expectativas revela, ao longo dos três momentos de entrevistas, se os impactos esperados se confirmaram ou não.

Desse modo, esta seção está dividida entre expectativas iniciais e futuras.

5.3.1. Iniciais

As reações dos comerciantes ao receberem a notícia de que o estádio seria realmente em Itaquera foram variadas. O entrevistado S (banca de jornal) disse que o anúncio da construção do estádio não o surpreendeu, já que o terreno havia sido doado ao Corinthians há anos. Ademais, disse que considerou ser bom para o bairro: “É bom porque desenvolve o local, apesar de não ser bom para alguns moradores”.

A comerciante R teve receio pela segurança do local:

“Eu pensei isso (...) que não vai ser legal e vai tirar o sossego dos moradores aqui da Cohab em geral. Porque eu acho que vai ter muita bagunça. Porque aonde tem jogos, eu acho que vem muita bagunça, muita violência, muito

assalto e assim por diante. Na minha opinião. Vai melhorar por um lado, e piorar por outro. Acho que a gente não vai trabalhar sossegado e tranquilo como agora. (...) Acho que vai melhorar porque vai ter melhorias de trabalho, você entendeu? Acho que vão ter muitas melhorias, mas o problema é a violência que vai ter por causa do campo. Por causa do campo. Vai ter muita violência, vai ter muita bagunça nos comércios, porque eles podem invadir, podem quebrar, podem fazer um monte de bagunça. E é uma coisa que a gente nunca viu por aqui.” (Entrevistada R, bazar)

Outro lojista ficou otimista com o anúncio:

“A princípio... (...) Bem, eu acho que foi uma expansão pra região, né. É um motivo de expansão. Por que o estádio não vem só o estádio; vem outras coisas também, né? Vem a infraestrutura... tão melhorando a Radial, diz que vai ter hotéis, alguma coisa aí nos arredores; a abertura de certas vias que estão fazendo por aí, diz que vai melhorar, né? É lógico que traz alguma coisa de desvantagem... Deve trazer... Mas eu acredito que sempre é positivo. Mais positivo do que negativo... Então, quando eu fiquei sabendo do estádio, a princípio foi um motivo de alegria, de positivismo.” (Entrevistado F, farmácia)

O dono da doceria (entrevistado M) teve sensações diversas ao saber da construção do estádio: “Fiquei muito feliz pela valorização que o estádio está trazendo e trará ao bairro. Os apartamentos na região estão valorizando muito.” Ao mesmo tempo, mostrou-se muito preocupado com as torcidas organizadas: “Eu fui de torcida organizada, sei que se entrarem 10 torcedores de organizada aqui não sobra uma bala. Por isso, vou fechar uma hora antes do jogo e abrir uma hora depois.” “Quero pegar o torcedor família, que compra certinho. E esses torcedores chegam antes e saem depois das organizadas.”

Em contrapartida, o entrevistado K (restaurante) não gostou da notícia:

“[Eu achei] Péssimo. (...) Exatamente por causa do local, esse estádio aí só vem para atrapalhar. Está atrapalhando o trânsito, a comodidade, está encarecendo mais ainda as coisas. (...) Na minha opinião, esse estádio do Corinthians deveria ser construído na Ayrton Senna. Lá sim, tem um espaço amplo, tem a rodovia que dá acesso para todos os lugares. Aqui não, teve que aumentar a Radial, e o custo se torna muito maior e quem paga isso é a gente, claro. (...) E ia ficar pior, porque quando saiu a notícia, falaram que iam derrubar inclusive aqui, veio até advogado dizendo que ia desapropriar essa área todinha, esses prédios aqui para ampliar, aumentar a radial. Aí viram que o custo benefício era ruim.” (Entrevistado K, restaurante)

Pensando em seu ramo de trabalho, o entrevistado F expressou sua opinião à época:

“Ah, fiquei contente, porque vai desenvolver a gente aqui, entendeu? Para a parte do desenvolvimento aqui de Arthur Alvim e Itaquera vai ser ótimo, né. Em questão de vendas de apartamento, o preço aumentou muito...” (Entrevistado F, imobiliária)

O entrevistado B disse que sua reação não foi positiva:

“Negativa. (...) Pensava na bagunça. (...) Porque, pra ir pra casa eu tenho que passar por ali, então eu sei que em dia de jogo vai ser terrível. (...) É que o pessoal não está pensando no futuro, assim. Por que queira ou não tem briga, tem medo, o pessoal tá quebrando tudo ao redor, então, não tem jeito.”. (Entrevistado B, lanhouse e assistência técnica)

Dono de algumas padarias na localidade, o entrevistado C não viu muita perspectiva para o seu negócio:

“Eu, sabe, comecei a pensar: o que que ele vai me trazer? Pela distância, um jogo a cada semana, não pensando em copa, um jogo a cada semana, que é que ele vai me trazer? Nada! Nada... nada, porque o pessoal vai pra lá, vai pro jogo. Talvez teria algum pequeno reflexo de muita gente, e ainda bêbada que passaria depois do jogo. Sabe que hoje em dia o jogo atrai uma série de coisas que não é bom. Eu nunca mais fui a um estádio porque tenho medo, entendeu? Então, não vejo assim muita coisa não.”. (Entrevistado C, padaria)

5.3.2. Futuras

Esta seção aborda ambas as perguntas sobre expectativas futuras do questionário – ou seja, as expectativas dos comerciantes até a Copa e depois da Copa.

A) Primeiro momento de entrevistas

A comerciante H, gerente de uma loja de artigos esportivos, mostrou-se empolgada com o futuro do negócio até a Copa:

“Eu acho que vai. Ainda mais para o nosso segmento, que é esporte (...) A gente está com uma expectativa muito grande em relação à Copa. Tanto que a gente pediu mil camisas da seleção. (...) Depois da Copa? Não parei para pensar ainda a respeito disso não... Acho que aqui muita infraestrutura eu acho que vai ficar, né. Eu acho que o estádio do Corinthians aqui para a gente vai ser muito bom.”. (Entrevistado H, loja de artigos esportivos)

O entrevistado A (salão de beleza) já não demonstrou esperar muitas alterações em relação ao cenário atual:

“Eu acho que a expectativa no início, quando se falou, até um ano atrás, mais ou menos, acho que a minha expectativa era tão grande que agora frustrou-se. Eu já não tenho expectativa nenhuma. (...) Não, não tenho [nem

até a Copa, nem depois da Copa]. Se tivessem feito alguma coisa, hotéis na região, tivessem melhorado alguma coisa já, isso a se falar assim politicamente, né, isso depende deles de melhorar alguma coisa, de isenção fiscal, de pessoal trazer empresa, escritório, não mudou em nada... (...) E eu acredito que não vai mudar mais. Se não mudou nada até agora, acho que não vai mudar mais não... (...) Nada. Então, eu não vejo mudança, não tenho expectativa de mudança, não. Pelo contrário, o pessoal que vem aqui fala, o pessoal da região... (...) Aqui na região o pessoal tá achando um pouco que vai ser um pouco de baderna aqui, porque esses entornos dos estádios por aí, esses flanelinhas, muito carro em movimento, pouco policiamento... (...) Não traz só coisa boa.” (Entrevistado A, salão de beleza)

O entrevistado D (farmácia) descrê em um aumento do movimento em seu ramo de atividade, embora espere coisas boas no futuro:

“A minha expectativa é boa. Eu acho que vai trazer mais público pra cá. Minha expectativa é boa; eu procuro não ser negativo. Senão é melhor... (...) Eu acredito que o estádio vai trazer coisas boas, tá. Além do jogo, os dias de jogo a gente fica com uma expectativa; falam que isso aqui vai encher de carro, mas até aí. Creio eu que traga coisas boas. Alguma coisinha ruim deve trazer também, mas eu creio mais nas coisas boas. Claro, o povo que vem pra um jogo não acredito que venha pra farmácia, poder ser, claro, mas tem outras farmácias talvez até mais próximas. Mas eu digo assim de movimentação, né, empreendimentos, essas coisas assim. (...) Quem nem, muita gente fala que, já que a questão era o estádio né, que isso aqui vai virar uma loucura, que isso aqui vai virar não sei quê. Eu não enxergo dessa forma. Por que senão o Morumbi já não existia mais, ter só o arredor; o Pacaembú não existia mais... uma serie de coisas. E vai comprar alguma coisa perto do Pacaembú ou do Morumbi. É tudo caro, né! Agora, é uma novidade, então a gente fica um pouco apreensivo, né.” (Entrevistado D, farmácia)

O lojista O anteviu a possibilidade de melhorias após a Copa:

“No meu ramo não vai interferir em nada. Eu acho que se o cara tiver uma lanchonete ou um restaurante próximo ao Itaquerão, eu acho que vai ser bom. Porque depois da Copa, os jogos vão ser só a noite, comércio a noite não adianta estar aberto. Meu ramo não adianta (...) Eu não estou dizendo do comércio, mas a infraestrutura vai melhorar sim. (...) Eu acho que mais depois da Copa. Porque agora que ainda faltam seis, sete meses para a Copa, ainda não está nada quase feito ao redor, né. A infraestrutura ao redor do estádio está a mesma coisa do que antes. (...) Então eu acho que até alguns meses não vai refletir em nada não.” (Entrevistado O, depósito de materiais de construção)

Já o vendedor ambulante (entrevistado N) disse acreditar num aumento do movimento do Parque do Carmo, onde trabalha há 16 anos:

“Do meu ponto de vista, quem assiste jogo não, pessoal aqui da região eu acredito que não. Mas eu acredito que até os próprios gringos vão frequentar o parque. (...) Com certeza. (...) Inclusive, a nossa cooperativa está dando aula de inglês para a gente poder saber ao menos o básico para atender o cliente. (...) Eu acredito. Não sei se estou errado...” (Entrevistado N, ambulante)

A entrevistada Q previu diferenças entre os dois momentos:

“[Até a Copa] Espero mais movimento e mais investimento do governo. (...) Depois da Copa? Aí a coisa para! (...) Vai ser preciso muita paciência para esperar o aumento de movimento e as melhorias prometidas, se é que elas virão.” (Entrevistada Q, restaurante)

Em outra análise particular, o lojista S (banca de jornal) revelou acreditar que ele e sua família terão dificuldade para atender os turistas por conta do idioma, mas crê em uma melhora da região:

“[Em relação aos estrangeiros] vai ser complicado, ninguém aqui sabe falar inglês. (...) No estádio não terão só jogos, os shows vão atrair bastante gente(...) o governo deveria desapropriar terrenos e trazer empresas para a região. (...) A tendência é só melhorar.” (Entrevistado S, banca de jornal)

A dona da empresa de paisagismo (entrevistada P) viu a possibilidade de problemas de segurança, e contou pretender até sair da região:

“(...) em relação a estádio, a gente tem um certo receio de como vai ser depois, em dia de jogo. Claro que na Copa é uma festa, outros países...mas principalmente o Corinthians, que a gente a sabe que tem muitos problemas, de briga, etc. E até mesmo a gente conhece outras pessoas que mora em outros locais próximos a estádios, e que dá muito problema, as pessoas não respeitam. Usa as portas como banheiro, estaciona na frente de garagem, briga e vem quebrando tudo. Esse é um problema que a gente pensa, né, como vai ser. Mas em relação ao futuro...é uma incógnita. (...) eu tenho projeto de sair para morar em uma casa. Mas assim... O local eu gosto, mas ainda não comprei em outro local porque não deu. Ainda não deu para vender o apartamento. (...) Assim que for possível eu vou sair.” (Entrevistada P, paisagismo)

Quando questionada se a intenção de mudar teria a ver com a construção da Arena Corinthians, ela complementou: “Em relação à segurança, sim. Eu já tinha esse plano, né. Esse projeto de mudar. Então se eu conseguir, o quanto antes, eu vou embora.”

O dono do açougue (entrevistado J) contou esperar que o bairro fique mais próspero:

“Vai melhorar! Depois também. (...) Vai desenvolver, vai... Tenho certeza, porque... É aquilo que eu te falei, né. Traz o progresso. A gente não deixa de ficar esquecido. Você mora por aqui, ou não? (...) Você mora na Pompéia, então? (...) Então, o que acontece... Você já está num centro. Você vê Pompéia, tem o poder aquisitivo bem melhor que aqui. A tendência é que com esse tipo de obra, a tendência é aqui ficar bom. Vai demorar alguns anos, mas daqui a uns 30 anos a gente vai ser uma Pompéia. Entendeu o que eu estou falando?” (Entrevistado J, açougue)

O entrevistado K (restaurante) manifestou a crença de que o movimento de seu negócio vai aumentar por conta dos turistas, porém prefere manter o freguês da região:

“Eu acho que isso é muito ilusório, entendeu? O pessoal tem uma visão de que com a Copa do Mundo... O pessoal não entende que a Copa dura 30 dias. Um mês. Do meu ponto de vista, que eu aqui cobro 12 R\$ a refeição, o ano que vem, em maio, aí eu aumento eu falo assim: ‘porque vai ter muito turista, vão invadir isso aqui, aí eu aumento, e vou cobrar 25 R\$’. Tá, o turista vem aí e vai pagar os 25 R\$, só que ele vai ficar só trinta dias aqui, e o meu cliente do dia a dia vai se afastar. O prejuízo total vai ser meu. Digamos que eu tenha cem fregueses, na época da Copa fica com trezentos, mas depois eu fico com vinte e cinco – se eu ficar. E aí? A minha visão é essa aqui: veio impacto da Copa? Ótimo, pode vir almoçar. Muito obrigado. Se não vier, eu tenho minha clientela. Para mim não vai fazer diferença.”. (Entrevistado K, restaurante)

Quanto ao pós-Copa, ele não vê o estádio como um ponto de valorização de Itaquera:

“(...) eu falo que depois da Copa o estádio continua, certo? (...) depois do estádio o pessoal, não sei... Parece que deu aquela febre: ‘porque o estádio vai ter isso, vai ter aquilo’... Não. Nada disso. Não é bem essa visão. O proprietário que tinha um imóvel por aqui, ele pensa: ‘vai valorizar’; e valoriza, claro que valoriza, mas ninguém vê o lado sujo da coisa. Porque o estádio traz o quê? Torcida, e torcida não tem nível social. Na hora que começarem as brigas, as guerras, tudo quanto é proprietário de apartamento vai querer se mudar daqui. O que tá pagando 100 mil hoje vai querer vender por 10 amanhã. Porque o desespero vai ser tamanho que... Mas isso acontece em todos os centros. Não é privilégio de Arthur Alvim. Isso é aquela visão errada que a pessoa tem.”. (Entrevistado K, restaurante)

Crescimento e valorização de Itaquera. É o que demonstrou esperar o entrevistado F (imobiliária) até a Copa:

“Crescimento, valorização, valorizar imóvel... Depois da Copa, quando o Corinthians começar a jogar aí, vai estacionar tudo. Desvalorizar não vai desvalorizar, mas... (...) Mas vai estacionar...”. (Entrevistado F, imobiliária)

Já o comerciante E (imobiliária) vislumbrou queda no preço dos imóveis após o evento:

“Eu não sei o ponto de vista deles [da minha família], mas o meu é que depois da Copa o preço vai cair. Automaticamente. (...) [Até a Copa] Tende a ficar alto e ir subindo. Cada vez vai subindo dois, três, cinco mil. Acho que no mês da Copa vai parar de aumentar, e após a Copa vai dar uma caída. Não muito, mas vai ter uma caída. Aí acho que vai aumentar mais ainda os nossos negócios, porque é o preço caindo... (...) Gira mais, porque os salários não estão aumentando...”. (Entrevistado E, imobiliária)

Outra opinião é a de que haverá crescimento, embora seja possível que o arrefecimento do ânimo com a Copa leve ao fechamento de negócios:

“[Até a Copa] Eu espero que esse investimento que eles estão fazendo aí acabe trazendo mais empresas pra cá né, aumentando o comércio do bairro. (...) Eu acho que vai haver um crescimento. Pelo menos no ramo imobiliário o pessoal perdeu a noção, né. Os apartamentos estão bem caros hoje. (...) Meu receio [depois da Copa] é que o pessoal abandone tudo e acabe aquela euforia... Ah, é copa, tal... E comece o fechamento. Tem muita gente que abre

as coisas na empolgação e depois acaba se desfazendo; isso querendo ou não acaba desvalorizando o bairro. Você abre um comércio e depois começa a fechar um monte de coisa, aí vai afugentando os outros também.”. (Entrevistado B, lanhouse e assistência técnica)

B) Segundo momento de entrevistas

Tendo em mente o período até a Copa do Mundo, um dos comerciantes contou sobre as expectativas para seu negócio:

“Nesse um mês [até a Copa]? Vamos vender o almoço para comprar a janta, para falar o português claro [risos]. [...] Durante a Copa, nós não sabemos se vai ser feriado ou não. Mas a gente vai fechar. Porque não vai ter ninguém interessado nos dias. A gente vê que todo mundo está protestando e tudo mais, mas na hora que tiver a Copa, todo mundo é brasileiro e vai torcer pelo país. Então, para nós, ficar de porta aberta pode ser até um risco. [...] Não faz sentido [para nós]. O pessoal que trabalha com comida, bebida, está pensando em pôr telão. Vai ter procura.”. (Entrevistado E, imobiliária)

Entretanto, mostrou-se otimista com o comércio no período pós-Copa:

“Acho que vai melhorar [depois da Copa]. O preço vai dar uma caída e a procura vai aumentar. [...] Porque, o que aconteceu foi: teve aquele boom, agora tem gente que fala que vai valorizar e tem outros que acham que vai desvalorizar. Então o pessoal fica meio assim. O dono fala: “vai aumentar, não vou vender agora”. O comprador pensa: “vai abaixar, não vou comprar agora”. Com o campo, não se sabe o que vai acontecer. Se vai ficar perigoso de andar. Se vai ter briga, entendeu? [...] Você já foi no Pacaembu? Os caras não fazem xixi, tacam pedra, quebram tudo? Vai acontecer isso com o pessoal bem perto aqui do estádio. [...] Vai querer vender e ir embora. Você pode conversar com qualquer um por aí. Se não for um cara deslumbrado que acha que o preço vai a R\$ 500 mil, ele vai ter a mesma opinião. Vai começar a bagunça, isso aqui vai virar uma praça de guerra. Se o Corinthians ganhar, eles quebram tudo porque o Corinthians ganhou. Estão felizes. Se o Corinthians perder, eles vão quebrar tudo porque o Corinthians perdeu. É isso que vai acontecer. E aqui não é só jogo, né. Vai ter show, essas coisas...”. (Entrevistado E, imobiliária)

O lojista G (depósito de materiais de construção) não espera mudanças no movimento de seu estabelecimento: “Não, para o meu negócio não. Pelo que eu tenho visto aí, o pessoal tá animando em abrir barzinho, coisa de comida, então... O pessoal tá se mobilizando nesses ramos, mas pra gente eu acho que não vai fazer muita diferença não.”.

Outra comerciante preocupa-se com a efemeridade dos benefícios da Copa:

“Acho que vai melhorar [o movimento]. Mas melhora só durante a Copa. Depois cai na mesmice. [...] A gente espera que durante a Copa ganhemos uma graninha extra, porque depois... [...] Acho que o principal desafio para os comerciantes daqui é conseguir ganhar um dinheirinho durante a Copa. Porque depois vai voltar tudo ao normal.”. (Entrevistada Q, bar)

Quando perguntada sobre as expectativas para o bairro – como a chegada de investimentos, por exemplo –, a entrevistada Q (bar) respondeu: “Quando acabar a folia da Copa, volta tudo ao normal. Acho que não virão empresas não. Se vierem, serão pequenas.”.

A distância entre os empregos formais e as áreas mais populosas em São Paulo afeta tanto a mobilidade quanto a qualidade de vida de seus habitantes. Uma das comerciantes se mostrou esperançosa quanto ao assunto:

“Eu acho assim: como brasileiros, todos gostam de futebol; então, assim, se eu falar que [a Copa] não trouxe nenhum benefício... trouxe e vai trazer mais. Eu acredito que os grandes empresários vão investir pra esse lado de cá, agora. Se você analisar, nós temos, em Itaquera, a Cohab oito, que dá dez minutos daqui; tem a Tiradentes onde falta o progresso chegar lá. Tiradentes é uma cidade considerada dormitório, por enquanto. Eles só vão pra dormir. Mas tem espaço. [...] Mas o que eu estou falando assim é de indústria mesmo, sabe. Mas indústria não se abre mais aqui. Era só do lado de lá, mas retiraram. Mas eu acredito que se o governo incentivar, é muito bom para nossa cidade. Até para a qualidade de vida do pessoal, né? Porque quem fica três horas dentro de uma condução, Tem pessoal que trabalha em Osasco, a família...”. (Entrevistada I, imobiliária)

Todavia, ela não vislumbra tais mudanças acontecendo tão cedo:

“Depois [da Copa]. É coisa pro futuro. É pensar lá na frente, né. Porque hoje o pessoal tá envolvido com a Copa. Só a Copa, só Copa. Só se fala da Copa. Não vejo agora. Vejo lá na frente. O investimento tem de vir pro futuro, porque o Brasil é muito bom. Tem como fazer. Nossos políticos têm que olhar um pouquinho mais pra fora. Você pode ver: nordeste, nordeste, tão passando aquela necessidade, né? Mas nós aqui também temos necessidade. São Paulo é grande. Tem a Paulista e tem Tiradentes... por que assim, um empresário grande, ele não tem como investir nada mais na Paulista, a não ser escritório, né? Pra comandar. Mas, uma fábrica, uma indústria, tem que vir mais pra periferia, né?”. (Entrevistada I, imobiliária)

Já o comerciante F não acredita em mudanças após o mundial:

“Não [acredito]... Só o que mudou aí foi o estádio, que vai ter o negócio da Copa. Pensaram muito na Copa. E o pós-Copa? Pós-Copa vai ter jogo normal. Que nem tem em todo lugar. Corinthians, São Paulo, Palmeiras... Vai ser uma muvuca. [...] Melhora nada [depois da Copa]. Serviço Público? [balança a cabeça em negativa] Falaram que ia ter rodovia, rodoviária. Cadê a rodoviária? Um evento desse porte e não tem um hotel para o pessoal aqui. Não pensaram. Pensaram só no estádio. O que fizeram é uma maquiagem. Fizeram oba-oba, mas na verdade não teve estrutura não.”. (Entrevistado F, imobiliária)

Para o empresário J, dono de um açougue, as melhorias no bairro serão sentidas mais adiante:

“É que... essas mudanças que estão ocorrendo, eu acho que algumas a gente sente de imediato. Outras são a longo prazo. Né? Como isso dos viadutos... Isso a gente vai ver alguma melhora, mas a melhora maior vai ser no futuro.

Vai ser no futuro, quando tudo já estiver funcionando, que voltar ao normal, que tiver passado a Copa. Aí a gente vai ver a melhora pro bairro.”. (Entrevistado J, açougue)

Porém, ele não espera alterações no movimento de seu negócio:

“[...] a Copa vai influenciar aqui para mim em termos de churrasco, de chamarem mais algumas visitas para virem por aqui. Mas depois que a Copa acabar, volta tudo ao normal. Vai ser o dia a dia. O almoço do dia a dia, o almoço do final de semana. Porque o meu ramo é especificamente carnes, né. Então eu não vejo muita mudança.”. (Entrevistado J, açougue)

A dona do bazar, entrevistada R, também não tem expectativas quanto ao seu comércio: “Depois da Copa eu não sei o que esperar. Não acredito que os jogos do Corinthians vão influir aqui na loja. Não tenho expectativa nenhuma.”.

Um dos temas mais recorrentes nesta rodada de entrevistas foi quanto à segurança do local – tanto por conta das torcidas organizadas quanto pelo contingente de policiais que permanecerá após o evento. O comerciante C (padaria) falou a respeito: “Não vai ter problemas com segurança [durante a Copa]. Tá bem policiado, você não vê vagabundo na rua de jeito nenhum. [...] Só falta saber se isso continua depois da Copa.”.

Outros entrevistados também deram suas contribuições:

“Eu espero só que isso continue [o policiamento]. Que é um treinamento pra Copa... mas não é só Copa. A gente precisa dessa proteção policial o tempo todo, não só agora. À tarde, você sai e tem polícia pra tudo quanto é lado, cavalaria mesmo. E isso intimida um pouco o ladrão, intimida um pouquinho. Mas isso eu não acho que tem que ser só agora, tinha que ser contínuo.”. (Entrevistada I, imobiliária)

“É complicado de falar [da segurança] porque não teve nenhum jogo. O problema vai ser em dias de jogos. Tem muita gente falando que os corinthianos vão estacionar os carros por aqui, que vão ter flanelinhas por aqui. E aí vêm também furtos, violência... Só esperando pra saber.”. (Entrevistado S, banca de jornal)

“Na Copa nós vamos estar bem protegidos e eu já penso bem lá na frente, penso em dias de jogos, como é que vai ser. [...] Eu acredito piamente que quando tiver jogos [do Corinthians] – porque as pessoas falam só da Copa, mas nós vamos ter jogos, nós vamos ter eventos direto. Eu acredito que cada estabelecimento comercial aqui tem que se juntar, os comerciantes, e colocar segurança em dias de jogo. Porque quando ganha, fica muito feliz, quebra as coisas. Eu gostaria que não fosse assim. Eu gostaria que o torcedor fosse lá pro campo e torcesse pro seu time e fosse esportista. Fosse embora pra sua casa, alegre ou triste, e não depredasse as coisas – tanto o patrimônio público como o privado, né?”. (Entrevistada I, imobiliária)

“A tranquilidade [do bairro] continua a mesma. Tem um pessoal meio terrorista que fica falando um monte de coisa, que vai ter briga no estádio e vai chegar até aqui, mas eu não acredito isso, não. Não sei, não; senão, estamos perdidos, não? Falam que o dia que tiver um jogo que tiver briga lá, vai chegar até aqui, vai perder no sei o quê... não acredito nisso, mas... pra

isso temos a polícia também, né? Continuo acreditando que é gostoso pela tranquilidade daqui.”. (Entrevistado D, farmácia)

“Pra mim é [um problema], eu acho. Problema em relação a isso, à segurança, a bagunça. Isso eu acho que vai ter sempre. Qualquer lugar de jogo tem. Caminhos, passagens próximos. Eu pretendo quanto antes ir embora. Não foi agora, mas assim que for possível... sair desta rota de campo. Não sei em outro lugar, mas no dia em que o Corinthians joga ninguém dorme. Ou porque ganhou ou porque perdeu. Se ganha, chegam comemorando meia-noite, soltam fogos; e se perde, já vem quebrando tudo, então... é complicado...”. (Entrevistada P, paisagismo)

C) Terceiro momento de entrevistas

A comerciante R falou sobre suas expectativas futuras – incluindo o período restante de Copa do Mundo:

“Até o final da Copa vai continuar assim, o movimento aumenta quando o Brasil for jogar, mas nos outros jogos continua a mesma coisa. [...] Acho que depois [quando só tiver jogos do Corinthians] não vai influir em nada aqui no meu comércio. Não tenho expectativa em relação a isso. Acho que volta ao movimento normal de antes da Copa.”. (Entrevistada R, bazar)

O entrevistado S (banca de jornal) tem opinião semelhante: “Depois da Copa eu acho que melhora. O movimento volta a ser como era antes da Copa. [...] Não [vai ser maior]... Acho que volta a ser como era antes. A renda do pessoal por aqui não mudou muito.”.

Outra visão similar foi apresentada pela empresária Q:

“O último dia vai ser igual o primeiro. Movimento zero. Essa Copa foi uma porcaria. [...] Quando acabar a Copa melhora. Volta a ser como era antes. Antes era ruim, mas não era tanto... [...] O maior desafio aqui é o mesmo de sempre: gente. Não tem cliente, o pessoal não tem, ó [fazendo sinal com a mão indicando dinheiro], grana. Na primeira oportunidade eu estou saindo daqui. Pra mim, já deu.”. (Entrevistada Q, bar)

Já o comerciante J espera que o bom movimento continue:

“Que continue assim [o movimento]! Que os vinte por cento que subiu continue. Espero que continue assim depois da Copa. Se continuar assim tá ótimo! [...] A perspectiva [para o bairro e para os serviços públicos] é que melhora, mas não sei se vai melhorar, né. Só o tempo vai dizer.”. (Entrevistado J, açougue)

O farmacêutico (D) não tem grandes expectativas para seu negócio após a Copa:

“Acho que não vai mudar muita coisa até o final da Copa não. Ainda vou ter que fechar em dias de jogo do Brasil. [...] Não vejo o que o movimento do estádio poderia trazer para o meu comércio. É um serviço muito específico, ninguém vai vir comprar remédio aqui. Não tenho grandes expectativas.”. (Entrevistado D, farmácia)

Outros comerciantes falaram sobre o que esperam para seus negócios e para o entorno do estádio:

“Olha, eu já tenho meus filhos crescidos, então eu não tenho mais aquele objetivo de fazer um negócio grande. Para mim, a estabilidade que tiver tá tranquilo. Mas claro que melhorar é importante. [...] Assim, melhorou o entorno, né. A parte de infraestrutura foi melhorada, o que é bom, por que sempre vai ter algum evento por ali. Mas, assim, coisas que eram para ser feitas e não foram feitas... Não sei, é tudo imprevisível. [...] Têm falado que vão construir mais prédios da CDHU em um terreno próximo daqui, e quando tirarem aquela comunidade [Comunidade da Paz] daqui de perto, falam que vai ser um terminal de ônibus... Aí talvez aumente o movimento. Vamos ver. Eles [poder público] vão dar continuidade naquilo que planejaram, pensaram. [...] É interessante para o próprio poder público aumentar o movimento, mas eu acho que eles não fizeram por falta de dinheiro mesmo.” (Entrevistada P, paisagismo)

“Vai ser como era antes mesmo [tanto o negócio quanto o entorno]. Mas está difícil. Eu vejo bares... Até padaria fechando em dia de jogo! No outro dia teve um jogo aqui, e eu pensei ‘não vou pra casa não por que o trânsito é terrível’, e resolvi vir para cá. Pensei em ir na padaria, e quando cheguei estava fechada. Não deu nem para almoçar [risos]. Não tinha ninguém na rua. Era dia de jogo do Brasil. Aí eu fui para casa. A Copa só me atrapalha na locomoção, fora isso não aconteceu nada. Não trouxe nenhum benefício. [...] eu não espero mais nada!” (Entrevistado B, lanhouse e assistência técnica)

“Depois da Copa volta ao normal. [...] Na minha visão não [terá mudanças]. Pelo que eu percebi, o que mudou foi só a parte viária, ficou bonito. De resto, acho que nada mudou. A renda do pessoal não aumentou muito. Acho que isso tem que melhorar, eu falo com alguns amigos de outros setores e está tudo estagnado. Tem que mexer nisso.” (Entrevistado C, padaria)

“Fica difícil falar do futuro, né. Não dá par ter previsão. Eu acho que o tinha que ser melhorado, o que tinha que ser feito, já foi feito. Já passou a Copa do Mundo, o estádio já está aí mesmo... Acho que daqui em diante não vai mudar em nada.” (Entrevistado A, salão de beleza)

“Não, não [aumentou o movimento]. Deu uma caída. O pessoal está esperando passar a Copa, né. Ver se abaixa o preço do imóvel. [...] Quem vai comprar, fala: ‘Ah, vou esperar por que o preço vai abaixar depois da Copa’. [...] Quem está vendendo acha que vai melhorar depois da Copa, que vai ter valores a mais se o Brasil for campeão. O pessoal fala: ‘Olha, se o Brasil for campeão vai valorizar mais ainda o meu imóvel’. Não vai ser isso não. Eu creio que abaixar, não abaixa mais. Mas vai dar uma segurada no valor aí.” (Entrevistado F, imobiliária)

“Eu acho que vai melhorar. Vai melhorar por que o pessoal vai cair na realidade. Eles vão ver que esses preços não dá para praticar. Teve uma época em que a gente era tirador de pedido. Hoje, o que você vendia em um mês não se vende em um ano. Não vai voltar a ser como era, mas vai dar uma melhorada. O pessoal da Cohab aqui tá querendo 220 mil, e fora daqui a gente tem por 240 com piscina, churrasqueira, quadra...” (Entrevistado E, imobiliária)

“Olha, desafios... Aqui não tem um novo mercado a ser descoberto exatamente por conta do limite financeiro da população. Não tem nada nesse sentido. Aqui o maior problema é de segurança pública. Esse vai ser o maior desafio para nós.” (Entrevistado C, padaria)

“Foi sossegado. [...] Não teve nenhum problema durante a Copa. Eu achei que ia ser complicado, mas tem policial para todo lado. [...] Olha, acho que não vai ter problema em dia de jogo do Corinthians, porque no segundo jogo⁴¹ eles não passaram aqui por perto, foi tranquilo. Mas vamos ver. Espero que não ocorra nada.”. (Entrevistada R, bazar)

“Durante a Copa não está tendo grandes problemas. O grande número de policiais inibe qualquer ato de vandalismo. [...] Quero só ver se em jogos normais a polícia vai dar o mesmo suporte. A questão principal é a da segurança. Se continuar, eu tiro o meu chapéu. Mas acho que não vai continuar não.”. (Entrevistado D, farmácia)

“Eu espero que esse movimento continue até o fim da Copa. Aumentou bastante o número de clientes. [...] [Depois] realmente, vai dar uma atrapalhada. Nos primeiros dois jogos do Corinthians o movimento diminuiu bastante, e olha que o metrô funcionou até a estação Itaquera. [...] Além disso, tem a questão da violência, há uma preocupação em relação às torcidas organizadas. Até aqui dentro do shopping. Não quero nem ver o que vai acontecer quando tiver um clássico como Corinthians e Palmeiras.”. (Entrevistada H, loja de artigos esportivos)

“Eles terminaram o terminal. Dizem que vai ter mais coisa. Um fórum... Será? Depois da Copa? Será que vão fazer? Falam que vai ter um fórum, tem até o espaço já lá depois do campo... Dizem que vai ser ali, não sei. Aí passou a Copa, né. Os olhos do mundo vão sair daqui. Será que vão fazer? Não sei. Realmente não tenho certeza se depois da Copa vai ser feito mais alguma coisa. [...] Acho que depois que acabar a Copa, que os olhos saírem daqui, não vão mexer em mais nada. Vamos esperar pra ver. [...] Na verdade a gente quer ver um Corinthians e Palmeiras para ver o que vai acontecer aqui. [...] Será que vai ter a mesma segurança, a mesma organização? É um mistério.”. (Entrevistado E, imobiliária)

“Durante a Copa é só a locomoção [que atrapalha] mesmo. Eu acho que depois que terminar a Copa, a segurança vai ser até maior em dias de jogos do Corinthians. Na Copa são torcedores unidos, praticamente uma torcida só. E, querendo ou não, vai ter violência com a torcida do Corinthians. Eles vão sair quebrando tudo. Querendo ou não, eles vão passar aqui na minha porta. Então dependendo do adversário eu acredito que a segurança seja maior. No começo eu vou fechar as portas [risos]. É sério, eu estou com medo por que eu tô há um tempo morando em Itaquera, você precisa ver. Qualquer coisinha eles saem quebrando tudo. Então, para não arriscar...”. (Entrevistado B, lanhouse e assistência técnica)

⁴¹ Partida entre Corinthians x Botafogo, realizada dia 01/06/2014.

6. A visão institucional sobre Itaquera

Após a seleção dos entrevistados e o início das entrevistas, um olhar sobre as ações do poder público pareceu pertinente para compreender melhor os planos e as políticas públicas formuladas para Itaquera – e sua ligação com a construção do estádio.

Durante a Primeira Semana Universitária na Prefeitura de São Paulo⁴², realizada entre 14 e 18 de julho de 2014, Maria Teresa Grillo, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU), falou sobre o plano de desenvolvimento da região.

Após a definição da cidade de São Paulo como sede da abertura da Copa do Mundo – e da construção da Arena Corinthians – a Prefeitura passou a formular um plano de desenvolvimento para a Zona Leste, orientado a partir de Itaquera. O Polo Institucional foi um dos instrumentos idealizados para promover o desenvolvimento de Itaquera. O projeto seria financiado pela Prefeitura e pelo Governo do Estado de São Paulo, mas executado somente pelo governo municipal.

Previsto em 2004 como parte da Operação Urbana Consorciada Rio Verde-Jacu⁴³, o polo foi pensado enquanto proposta de ocupação da área pelo poder público, a fim de estabelecer um canal de comunicação com a população. Ademais, o plano contempla qualificação de mão de obra local com o intuito de empregá-la em empregos, os quais serão atraídos pela Operação.

Outros instrumentos foram previstos pela gestão Kassab (2006-2013) por meio da Operação Urbana Rio Verde-Jacu – como um programa de incentivos fiscais para atração de empregos, a maior integração entre os modais de transporte etc. –, porém, de acordo com Maria Teresa, o Polo Institucional foi planejado para ser o centro do desenvolvimento de Itaquera.

Inicialmente o polo abrigaria diversos equipamentos: fórum, rodoviária, FATEC (Faculdade de Tecnologia de São Paulo), ETEC (Escola Técnica Estadual de São Paulo), unidade do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), incubadora e laboratórios para o Parque Tecnológico da Zona Leste, Centro de Convenções e

⁴² Disponível em: <<http://planejasampa.prefeitura.sp.gov.br/index.php/noticia/semana-universitaria-na-prefeitura-de-sao-paulo/>>.

⁴³ Para mais informações sobre a Operação Urbana Consorciada Rio-Verde Jacu e o Programa de Incentivos Seletivos para a Zona Leste, ver Geise (2012). Disponível em: <http://issuu.com/carol_geise/docs/tfg_geise>.

Eventos, batalhão da Polícia Militar, a Obra Social Dom Bosco e o Parque Linear Rio Verde.



Figura 3: projeto inicial do Polo Institucional de Itaquera – localização dos equipamentos

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano

Segundo a gestora, as empresas do Parque Tecnológico da Zona Leste se instalariam no Polo Econômico de Itaquera – área prevista na lei que regulamenta a Operação Urbana Rio-Verde Jacu –, e a ideia era atrair companhias de tecnologia e inovação. A elaboração do parque partiu da convicção de que seria necessário atrair atividades outras além das industriais à região, e dinamizar a economia local. A incubadora e os laboratórios localizados no Polo Institucional dariam suporte para tais empresas antes de se instalarem no Polo Econômico.

O centro de convenções e eventos, por sua vez, seria um espaço onde ocorreriam palestras e workshops voltados aos empresários locais. No interior do centro, ainda fora prevista a instalação de uma unidade do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) para orientar e auxiliar os comerciantes da região.

Ao final do mandato de Gilberto Kassab, esse era o planejamento da Prefeitura para a área. Contudo, a alternância de governo – com a posse de Fernando Haddad (2013) – fez com que o projeto sofresse alterações.

Conforme Maria Teresa, a nova gestão não se empolgou com as ideias do Parque Tecnológico e do centro de convenções e eventos. Assim, a divisão das áreas do Polo Institucional foi reorganizada.

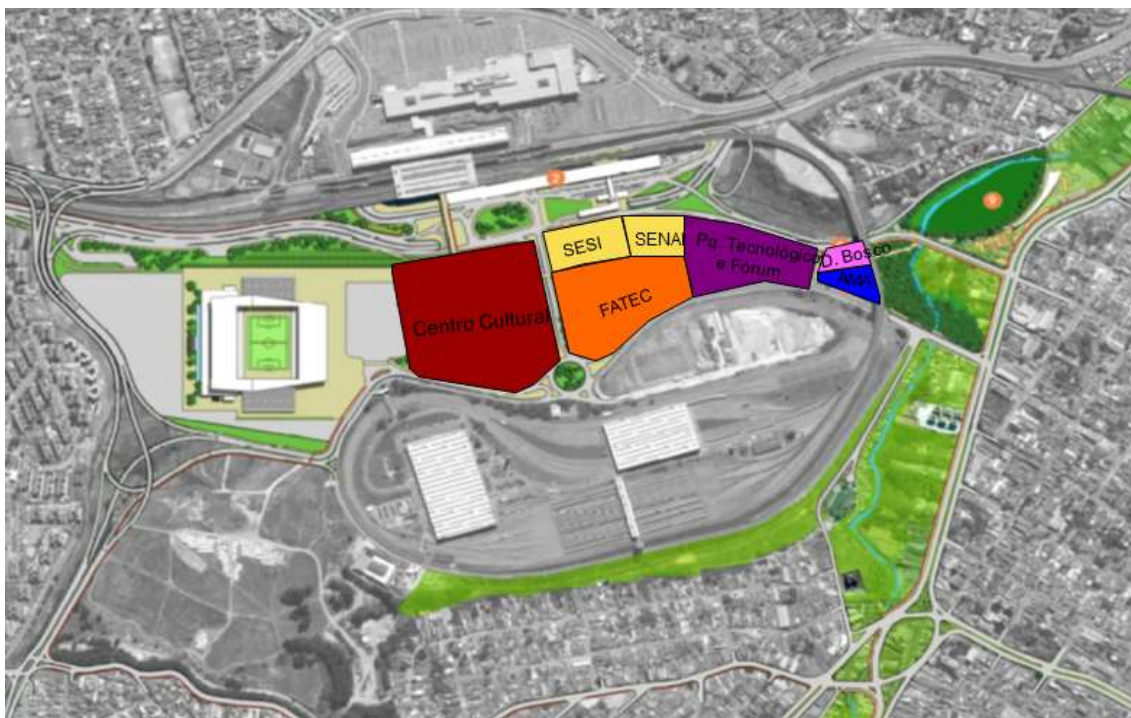


Figura 4: projeto atual do Polo Institucional de Itaquera – localização dos equipamentos

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano.

Os perímetros antes destinados ao fórum e ao centro de convenções agora abrigarão um centro cultural. O fórum foi realocado para a área no qual será instalado o Parque Tecnológico – este teve seu tamanho reduzido. E a unidade da Polícia Militar foi substituída por um equipamento de saúde AMA (Assistência Médica Ambulatorial). Ademais, o projeto de instalação de uma rodoviária foi abortado. Dos equipamentos ilustrados na figura 4, a FATEC foi o primeiro a ser entregue.

No entorno do Polo Institucional foram previstas diversas obras viárias – denominadas: Complexo Viário Polo Itaquera⁴⁴ – com o objetivo de melhorar a mobilidade da região; a maior parte delas já foi inaugurada, como o *mergulhão*, par de

⁴⁴ O mapa com as especificações das obras viárias está disposto no Anexo 4.

túneis instalado ao lado do estádio⁴⁵. O complexo teve um custo de R\$ 548,5 milhões, divididos entre Governo do Estado (R\$ 397,9 milhões) e Prefeitura (R\$ 150,6 milhões).

⁴⁵A Exame repercutiu a inauguração das obras. Disponível em:
<<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/como-ficam-itaquero-e-regiao-apos-a-copa>>.

7. Desenvolvimento para quem? – Análise dos Resultados

Com base em relatos dos entrevistados, na experiência de conhecer um pouco mais a região e, até mesmo, no trato com os comerciantes, nesta seção serão feitas algumas observações sobre a instalação da Arena Corinthians e o processo de desenvolvimento de Itaquera.

As conversas com os comerciantes sinalizaram o desconhecimento destes sobre os projetos para a região – tanto os do Governo do Estado quanto os da Prefeitura. O Polo Institucional foi citado apenas uma vez, de maneira vaga. Menções ao Parque Tecnológico, ao centro de convenções e à possível instalação de uma unidade do SEBRAE, por exemplo, não surgiram em nenhum momento da pesquisa de campo. A mesma insciência foi percebida quanto às operações relacionadas ao estádio – fossem elas para o período da Copa ou não. Os bloqueios de ruas pela CET nos jogos da Copa, a incerteza – e expectativa – sobre a circulação de torcedores no entorno durante a Copa e os futuros esquemas de segurança para os jogos do Corinthians foram questões presentes e motivadoras de insegurança e preocupação por parte dos entrevistados.

A ausência de tais informações indica que o diálogo entre os comerciantes locais e a Prefeitura não se dá de forma adequada. Ora, se o desenvolvimento econômico é um dos objetivos da construção da Arena Corinthians – e do recebimento da Copa do Mundo –, faz sentido esperar que os empresários da região estejam a par da estratégia de atuação do poder público. Todavia, todos os comerciantes relataram não ter mantido com o Estado nenhum tipo de contato relativo à Copa ou ao plano de desenvolvimento de Itaquera.

Ademais, a Subprefeitura de Itaquera nunca foi citada como um ator relevante nos preparativos para o evento ou para o período pós-Copa. Quando referida, foi sempre lembrada por suas funções de zeladoria: varrição de ruas, tapamento de buracos etc.

Tal percepção dos comerciantes levanta uma questão: qual é o papel da Subprefeitura no plano de desenvolvimento de Itaquera?

As Subprefeituras, instituídas no final da gestão de Marta Suplicy (2001-2004), foram pensadas como órgãos descentralizados do Poder Executivo municipal, incumbidas de aproximarem o poder público das gritantes diversidades e desigualdades presentes no território da cidade de São Paulo. A criação de tais órgãos nasce do

entendimento de que o poder central – representado principalmente pelo Prefeito e seus secretários – não dá conta de compreender com clareza as especificidades de todos os territórios de uma metrópole do tamanho de São Paulo. Nesse sentido, os subprefeitos estão – ou deveriam estar – cientes dos desafios e da lógica do cotidiano de quem reside e trabalha em sua seara. Se há algum órgão da Prefeitura capaz de entender as particularidades das diferentes localidades da capital paulista, são as Subprefeituras. Seguindo essa linha de raciocínio, as Subprefeituras deveriam ser peças centrais na construção de uma estratégia de desenvolvimento, especialmente por seu maior potencial de aproximação com os atores locais.

Entretanto, os resultados obtidos através da pesquisa de campo indicam que o canal de interlocução não foi estabelecido em Itaquera, ou não se deu de maneira efetiva. Tanto a Prefeitura quanto a Subprefeitura de Itaquera não mantêm, de acordo com os relatos, diálogo com os comerciantes locais, nem os inserem no debate sobre como a região deve se desenvolver.

Pensando no texto de Pike et al (2007), especialmente no conceito de desenvolvimento holístico, progressivo e sustentável, observa-se uma clara discrepância entre o modelo ideal de desenvolvimento proposto pelos autores – orientado e elaborado a partir das características territoriais e das necessidades e especificidades dos atores locais – e o ocorrido no entorno da Arena Corinthians. O cenário em questão põe em evidência o processo de formulação do plano de desenvolvimento de Itaquera: será este realmente adequado à realidade local?

Se levadas a cabo a partir de uma perspectiva puramente econômica, as políticas públicas de desenvolvimento deixam de considerar fatores sociais e culturais – e tais variáveis só são realmente compreendidas através de um processo de aproximação e diálogo constante entre Estado e atores locais. Desse modo, a estratégia de desenvolvimento implementada até aqui – nas áreas do entorno do estádio – parece carecer de mecanismos de concertação entre poder público, iniciativa privada e sociedade civil.

Por outro lado, mesmo os aspectos econômicos são afetados pela falta de articulação entre Prefeitura e comerciantes locais. Levando em conta os argumentos tecidos por Albuquerque (2004) sobre a importância das micro e pequenas empresas no desenvolvimento econômico de uma localidade, e, a elaboração de políticas públicas

específicas voltadas para essas companhias – como serviços de desenvolvimento empresarial e linhas de financiamento adequadas –, fica a impressão de que os empreendedores de menor porte não se constituíram público-alvo da política arquitetada pela Prefeitura de São Paulo. Qualquer política pública no sentido de preparar ou orientar estes comerciantes (como palestras ou assistência técnica) foi comentada pelos entrevistados. Quando citadas, as políticas faziam referência à atração de grandes empresas, a partir de incentivos fiscais. Tendo em vista que tais políticas requerem um período de maturação de pelo menos alguns anos para apresentar resultados – por conta dos prazos de aquisição de terrenos, obras e instalação de companhias de grande porte –, em que medida o potencial das micro e pequenas empresas fora observado pelo poder público?

Outro questionamento diz respeito aos impactos sentidos pelos entrevistados nos três eixos propostos por esta pesquisa – nos *negócios*, no *acesso a serviços públicos* e na *imagem do bairro*. Em todos os eixos de análise, as declarações dos comerciantes revelaram benefícios exíguos se comparados às expectativas. Embora haja diferenças entre as expectativas – iniciais e futuras – dos entrevistados, poucos se mostraram satisfeitos com os benefícios sentidos ao final da pesquisa de campo.

O faturamento comercial oscilou durante as três rodadas de entrevistas, mas revelou alguns padrões quanto aos ramos de negócio. As imobiliárias, num primeiro momento, vivenciaram um aumento abrupto dos preços de vendas e locações, e, em seguida, uma maior procura de imóveis na região. Durante as rodadas subsequentes, a demanda por vendas diminuiu devido aos altos preços exigidos pelos proprietários.

A lojista do shopping (entrevistada H), embora tenha aumentado o faturamento durante a Copa do Mundo, mostrou-se insegura sobre o movimento comercial durante jogos do Corinthians. Alguns empresários dos demais setores notaram benefícios reduzidos, enquanto outros se mostraram decepcionados ao final da pesquisa.

A recente melhora de serviços públicos básicos como iluminação pública, tapamento de buracos e policiamento foi um ponto positivo. Todavia, há desconfiança sobre a continuidade da prestação desses serviços – especialmente quanto ao contingente policial e em relação às obras futuras, como o fórum. O histórico “esquecimento” da região, citado diversas vezes por entrevistados, leva à crença de que

as citadas obras e serviços cessarão após a Copa do Mundo. O único benefício livre de tal insegurança são as obras viárias.

As percepções sobre a imagem do bairro foram, de certa maneira, uníssonas. Há a impressão de que a região de Itaquera está mais conhecida após sediar a abertura da Copa do Mundo, mas ainda existe certo preconceito das pessoas de outras partes da cidade.

Pensando no trabalho de Gadens et al (2012) acerca dos grandes projetos urbanos, e tendo como referência os resultados encontrados durante a pesquisa de campo, a construção da Arena Corinthians segue a mesma lógica dos projetos urbanos de grande porte executados ao longo dos anos. Tais semelhanças dizem respeito à falta de diálogo na formulação do projeto, à replicação de processos de gentrificação, aos benefícios exíguos gerados para os atores locais e às grandes somas de dinheiro público usadas para financiar um empreendimento privado.

Ao cabo das reflexões e evidências de que os comerciantes locais não foram os principais beneficiários desta política, é pertinente retomar um dos questionamentos expostos na introdução da presente pesquisa: a quem se direciona este processo de desenvolvimento?

Além disso, outra característica gritante desse processo está relacionada à atuação do poder público. Levando em conta as considerações de Spink (2000) a respeito da abordagem de direitos na Administração Pública e as observações de campo, é possível verificar um claro distanciamento entre a *teoria* e a *maneira* como a Prefeitura tocou o projeto até aqui. Se aquela prega o reconhecimento de direitos e a redução das desigualdades, esta replica modelos baseados tão somente na expansão da prestação de serviços públicos. Tal atuação tem duas consequências diretas: as inadequações entre as políticas públicas implementadas e as reais demandas dos atores locais não são resolvidas; e, a incerteza por parte dos comerciantes no que se refere às obras e planos futuros.

Entretanto, para além das conquistas deste processo até então, há a discussão a respeito de qual deve ser o papel do Estado perante a sociedade. O estabelecimento de canais de diálogo constantes e efetivos pode resultar em maior sucesso das políticas de desenvolvimento; outrossim, é importante como um fim em si mesmo, como meio de

fortalecimento da governança democrática. A inclusão permanente da sociedade nos processos decisórios é essencial, tanto para o combate às injustiças sociais quanto para o aperfeiçoamento das políticas públicas.

Tendo em vista o conjunto de fatores supracitados – carência de canais de diálogo, benefícios reduzidos, existência de processos de gentrificação –, o pesquisador não entende este processo ocorrido no entorno da Arena Corinthians como indutor de desenvolvimento local. Principalmente se isto for entendido como a realização das potencialidades de grupos e indivíduos, e como resultado de políticas públicas inclusivas, redutoras das desigualdades e atentas às particularidades dos diferentes territórios e atores locais.

8. Conclusão

Esta pesquisa buscou, através das entrevistas com comerciantes de Itaquera, mapear os impactos causados pela construção da Arena do Corinthians, especialmente pela perspectiva dos atores locais.

Ao final das três rodadas de entrevistas/diálogos previstas, foi possível notar: a ausência de canais de interlocução efetivos entre a população e o poder público; o descolamento entre as demandas dos atores locais e as políticas públicas formuladas pelo Estado; a percepção de benefícios exíguos gerados aos comerciantes; a existência de processos de gentrificação no entorno do estádio; e a melhora de alguns serviços públicos na região – como iluminação pública e policiamento. Entretanto, há desconfiança dos empresários locais quanto à manutenção da prestação destes serviços após a Copa do Mundo. Em tempo: as obras do Complexo Viário Polo Itaquera foram um ponto positivo para a mobilidade da região, segundo os relatos.

Os resultados relativos à imagem de Itaquera, um bairro cujo processo de desenvolvimento se deu de maneira desordenada, foi um aspecto interessante abordado pela pesquisa. Embora ainda sofra as consequências de um histórico de crescimento errático, o entorno do estádio é servido de boa infraestrutura, especialmente no que refere à mobilidade urbana – a região é cortada pelo metrô, pela CPTM e por vias de alta capacidade. Além de ser um local de fácil acesso, a área apresenta uma oferta de serviços privados similar a territórios da cidade historicamente mais desenvolvidos. Redes de supermercado, franquias de fast-food e shopping centers, por exemplo, são facilmente encontrados. Em contrapartida, muitos depoimentos dados por comerciantes expõem um completo desconhecimento de pessoas de outras partes da cidade sobre o local. De acordo com relatos, são frequentes as falsas convicções de que não há saneamento básico, de que as ruas não são pavimentadas e de que os índices de violência são extremamente superiores ao resto da cidade. Por vezes, ainda, a região é encarada como uma “aldeia”.

Enfim, é preciso reconhecer algumas limitações da metodologia utilizada nesta iniciação científica, como a ausência de dados quantitativos sobre renda e emprego e a falta de uma investigação profunda a respeito das políticas públicas sob a ótica da Prefeitura. Contudo, as escolhas de pesquisa realizadas ao longo deste projeto partem de duas premissas: a primeira, de que é preciso reconhecer a importância dos atores locais

– no caso, micro e pequenos comerciantes – no processo de formulação e implementação de políticas públicas e dar-lhes voz; e a segunda, relacionada à essencialidade das características qualitativas do desenvolvimento socioeconômico, por vezes desconsideradas.

Tendo em conta as premissas supracitadas e respondendo às questões colocadas no início deste relatório, os impactos gerados pelo conjunto de ações promovidas até então pelo poder público no entorno da Arena Corinthians não são entendidos como desenvolvimento. A incapacidade – ou mesmo indisposição – de inserir os atores locais nos processos decisórios, somada aos resultados até o momento aquém do esperado, embasa este posicionamento.

Enquanto a Administração Pública se mantiver alheia às demandas e expectativas da sociedade civil, raras serão as experiências de pleno desenvolvimento – nas quais direitos são reconhecidos e garantidos, e as políticas públicas são formuladas de forma colaborativa entre Estado e cidadãos.

Por estar relacionada à presente discussão, vale a tentativa de reproduzir uma vivência da pesquisa de campo. Em meio a uma entrevista realizada com uma comerciante, foi relatada uma experiência na qual a participante não foi devidamente atendida por servidores públicos da área da saúde em um momento de necessidade. Embora revoltada com a lembrança, foi aparente a resignação da entrevistada em relação à situação. O diálogo se estendeu. Por receio de comprometer as atividades da empresária, o pesquisador sugeriu encerrar a conversa. Neste momento, a comerciante apenas sorriu e confessou estar aliviada por ser ouvida.

Este breve caso ilustra a necessidade de uma incessante busca em estreitar os laços entre o poder público e a sociedade. Se difundida na máquina pública, a mera atitude de ouvir atentamente às demandas e necessidades de grupos e indivíduos pode ter efeitos imensuráveis e benéficos à governança democrática.

Neste momento, é importante resgatar um dos questionamentos iniciais deste trabalho: “desenvolvimento” para quem? E, próximo a este também, segue a pergunta que nomeia a apresentação do Comitê Popular da Copa – SP: Copa Pra Quem?

Por fim, vale frisar que esta pesquisa é uma entre diversos textos, livros, relatórios e documentários feitos a respeito dos megaeventos esportivos dos quais o

Brasil é sede. Espera-se que tal conjunto de informações sirva de subsídio ao aperfeiçoamento das políticas públicas acerca destes eventos, para os quais estão sendo destinadas grandes somas de recursos públicos.

9. Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Francisco. *El enfoque del desarrollo económico local. Cuaderno de capacitación No. 1. Serie: Desarrollo Económico Local y Empleabilidad*. Buenos Aires: Organización Internacional del Trabajo, 2004.

BECKER, Howard S. *Tricks of the Trade: How to Think about Your Research While You're Doing It*. University of Chicago Press: 1998, 244 p.

BIANCHI, Patrizio. Nuevo enfoque en el diseño de políticas para las PYMES. Aprendiendo de la experiencia europea, CEPAL, Documento de Trabajo 72, Buenos Aires, 1996.

BLANCO, Ismael; SUBIRATS, Joan. ¿Existen territorios socialmente excluyentes? Contra lo inexorable. In: FLEURY, Sonia et al. *Respuestas Locales a Inseguridades Globales: Innovación y Cambios em Brasil y España*. Barcelona: Fundació CIDOB, 2008. p. 119 – 139.

BONDUKI, Nabil. O modelo de desenvolvimento urbano de São Paulo precisa ser revertido. Estudos Avançados. São Paulo, v. 25, n. 71, Abril 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000100003&lng=en&nrm=iso>.

BRIGUGLIO, Lino et al. Economic Vulnerability and Resilience: Concepts and Measurements. *Oxford Development Studies*, v. 37, n. 3, p. 229-247, Set. 2009.

COX, Kevin; MAIR, Andrew. Locality and Community in the Politics of Local Economic Development. In: *Annals of the Association of American Geographers*, v. 78, n. 2, 1988, p. 307-325.

DOWBOR, Ladislau. A Comunidade Inteligente: visitando as experiências de gestão local. In: SPINK, Peter; BAVA, Silvio Caccia; PAULICS, Veronika. *Novos contornos da gestão local: conceitos em construção*. São Paulo: Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/FGV-EAESP, 2002. p. 33-73.

GADENS, Letícia Nerone; HARDT, Letícia Peret Antunes; FREY, Klaus. Das práticas de gestão de grandes projetos urbanos. *Saude Soc.*, São Paulo, v. 21, supl. 3, Dec. 2012.

GEISE, Carolina. Políticas Urbanas e o Estado de Exceção: *Zona Leste e a Copa do Mundo em Itaquera como estudo de caso*. Trabalho final de graduação – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP. 2012.

MAY, Tim. *Pesquisa Social: Questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed, 2004, 3.ed.

OLIVEIRA, Francisco. Aproximações ao Enigma: que quer dizer desenvolvimento local? In: SPINK, Peter; BAVA, Silvio Caccia; PAULICS, Veronika. *Novos contornos*

da gestão local: conceitos em construção. 1.ed. São Paulo: Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/FGV-EAESP, 2002. p. 11-31.

SCHUMPETER, Joseph. *The Theory of Economic Development*. Oxford. Oxford University Press, 1978.

SILVEIRA, Caio; BOCAYUVA, Cunha; ZAPATA, Tania. Ações integradas e desenvolvimento local: tendências, oportunidades e caminhos. In: SPINK, Peter; BAVA, Silvio Caccia; PAULICS, Veronika. *Novos contornos da gestão local: conceitos em construção*. 1.ed. São Paulo: Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/FGV-EAESP, 2002. p. 245-269.

SMITH, Neil. Toward a Theory of Gentrification. *Journal of the American Planning Association*, 45:4, p. 538-548, Nov. 2007.

SPINK, Peter Kevin. The Rights Approach to Local Public Management: experiences from Brazil. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 45-65, Jul/Set 2000.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 20, n. spe, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000400010&lng=en&nrm=iso>.

TENÓRIO, Fernando. *Cidadania e desenvolvimento local*. Rio de Janeiro: FGV; Ijuí: Ed. Unijuí, 2007, 1.ed.

10. Anexos

Anexo 1 – Questionário Inicial: Aspectos econômicos

- 1) Conte um pouco da história desse seu empreendimento? Há quanto tempo ele existe, como começou, como você entrou no negócio, etc.
- 2) Quais são as melhores coisas de trabalhar em Itaquera?
- 3) Quais são as piores coisas de trabalhar em Itaquera?
- 4) Qual foi o sentimento quando ficou sabendo que o estádio seria realmente construído em Itaquera?
- 5) Como o seu negócio vem sendo impactado pela construção?
- 6) Na sua opinião, mudou a percepção das outras pessoas em relação ao bairro de Itaquera? Como era antes e como ficou agora?
- 7) Houve mudança no seu faturamento desde o início da construção?
- 8) Qual a sua expectativa para o seu negócio depois da inauguração do estádio?
- 9) Qual a sua expectativa para o seu negócio depois da Copa do Mundo?
- 10) Você percebe alguma mudança em relação à oferta de serviços públicos para a região?
- 11) Na sua opinião, quais os principais desafios para os comerciantes de Itaquera nos próximos meses (até a Copa do Mundo)?
- 12) Na sua opinião, quais os principais desafios para os comerciantes de Itaquera nos próximos anos (depois da Copa do Mundo)?

Anexo 2 – Questionário Final: Aspectos Econômicos

- 1) Quais são as melhores coisas de trabalhar em Itaquera?
- 2) Quais são as piores coisas de trabalhar em Itaquera?
- 3) Como o seu negócio vem sendo impactado pela construção?
- 4) Na sua opinião, mudou a percepção das outras pessoas em relação ao bairro de Itaquera? Como era antes e como ficou agora?
- 5) Houve mudança no seu faturamento desde a última conversa?
- 6) Qual a sua expectativa para o seu negócio depois da inauguração do estádio e durante a Copa do Mundo?
- 7) Qual a sua expectativa para o seu negócio depois da Copa do Mundo?
- 8) Você percebe alguma mudança em relação à oferta de serviços públicos para a região?
- 9) Na sua opinião, quais os principais desafios para os comerciantes de Itaquera nos próximos meses (até a Copa do Mundo)?
- 10) Na sua opinião, quais os principais desafios para os comerciantes de Itaquera nos próximos anos (depois da Copa do Mundo)?

Anexo 3 – Mapas de localização dos comerciantes

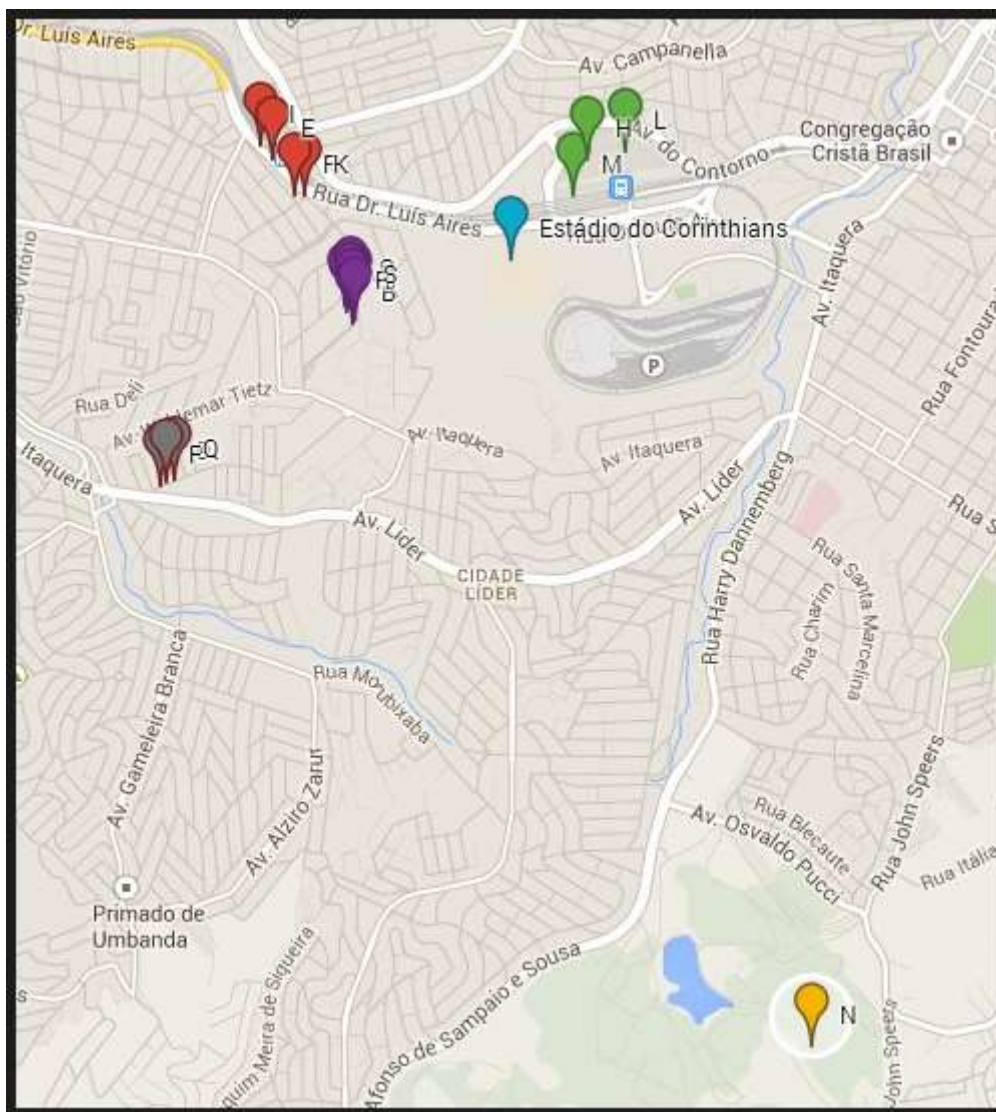


Figura 5: localização dos comerciantes entrevistados (mapa amplo)

Fonte: elaborado pelo pesquisador orientando

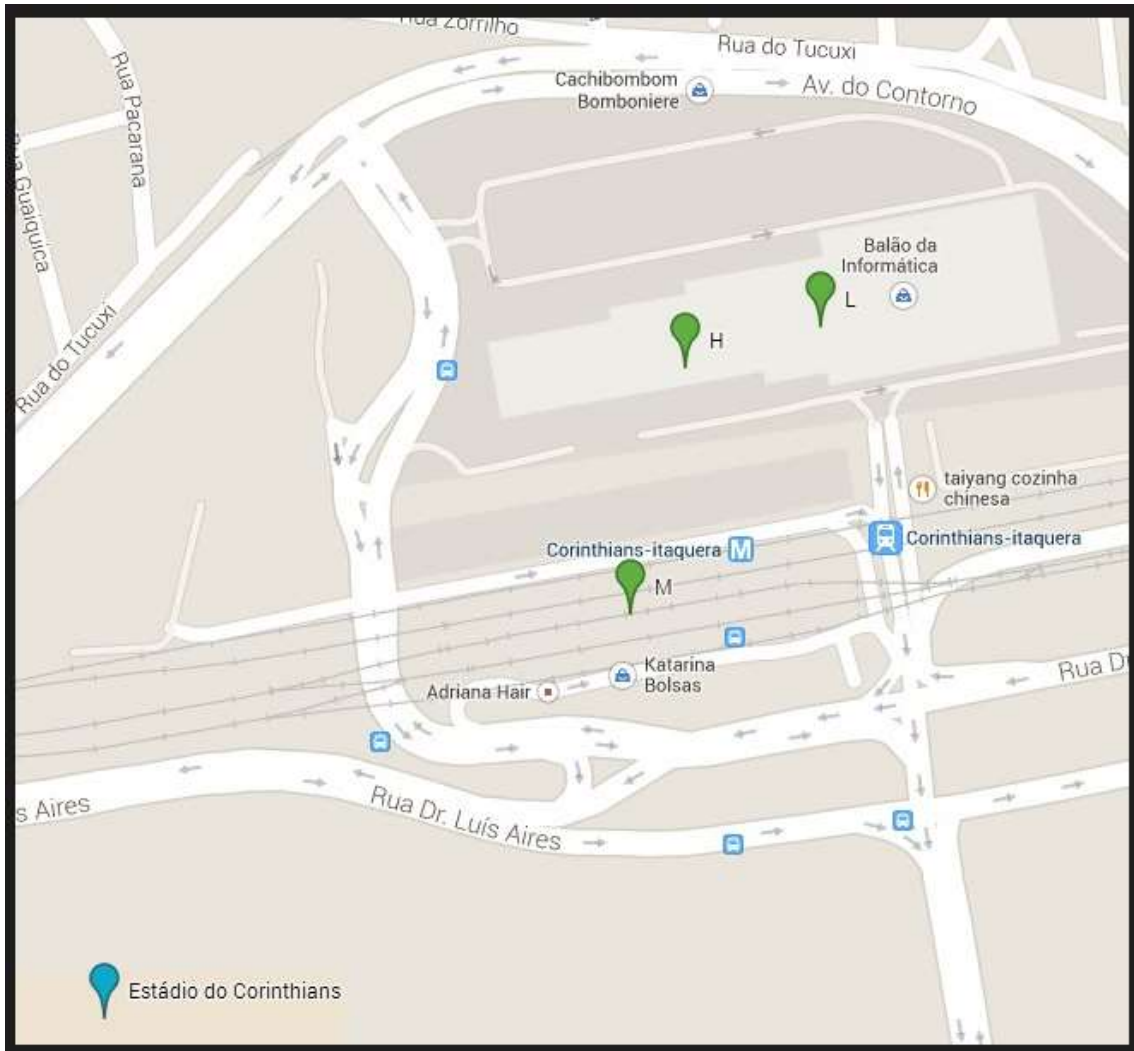


Figura 6: localização dos comerciantes entrevistados (grupo verde)

Fonte: elaborado pelo pesquisador orientando

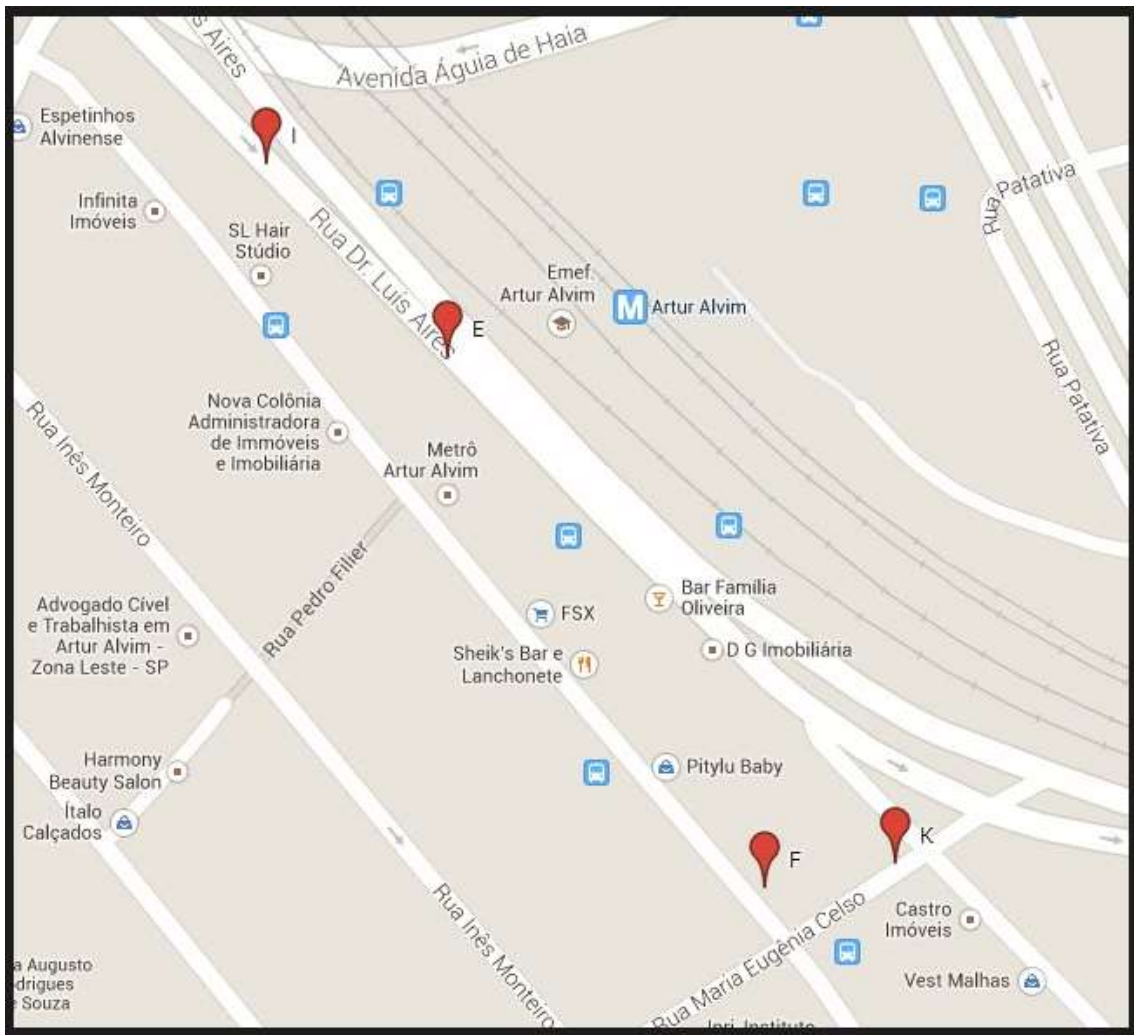


Figura 7: localização dos comerciantes entrevistados (grupo vermelho)

Fonte: elaborado pelo pesquisador orientando

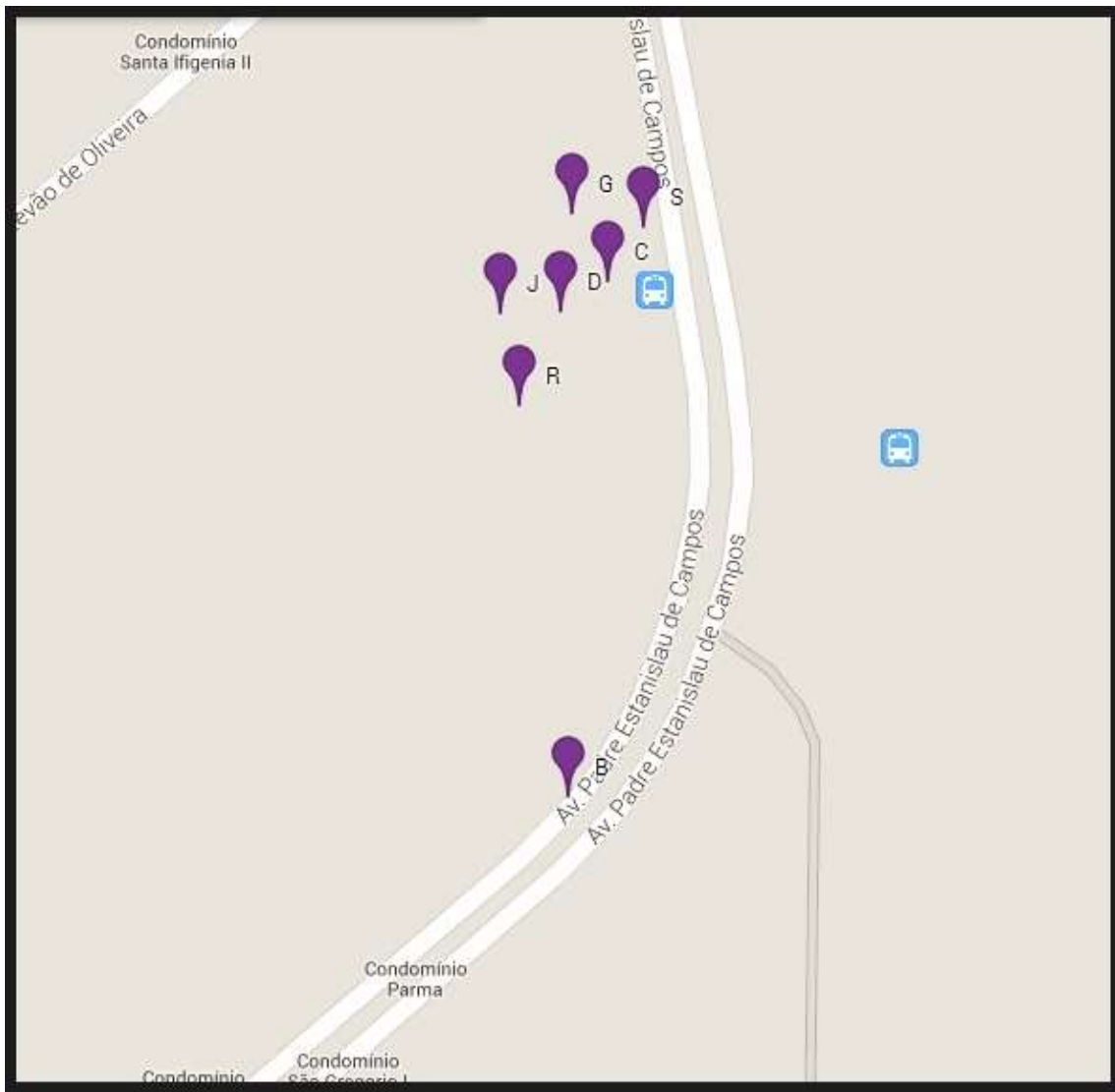


Figura 8: localização dos comerciantes entrevistados (grupo roxo)

Fonte: elaborado pelo pesquisador orientando



Figura 9: localização dos comerciantes entrevistados (grupo cinza)

Fonte: elaborado pelo pesquisador orientando

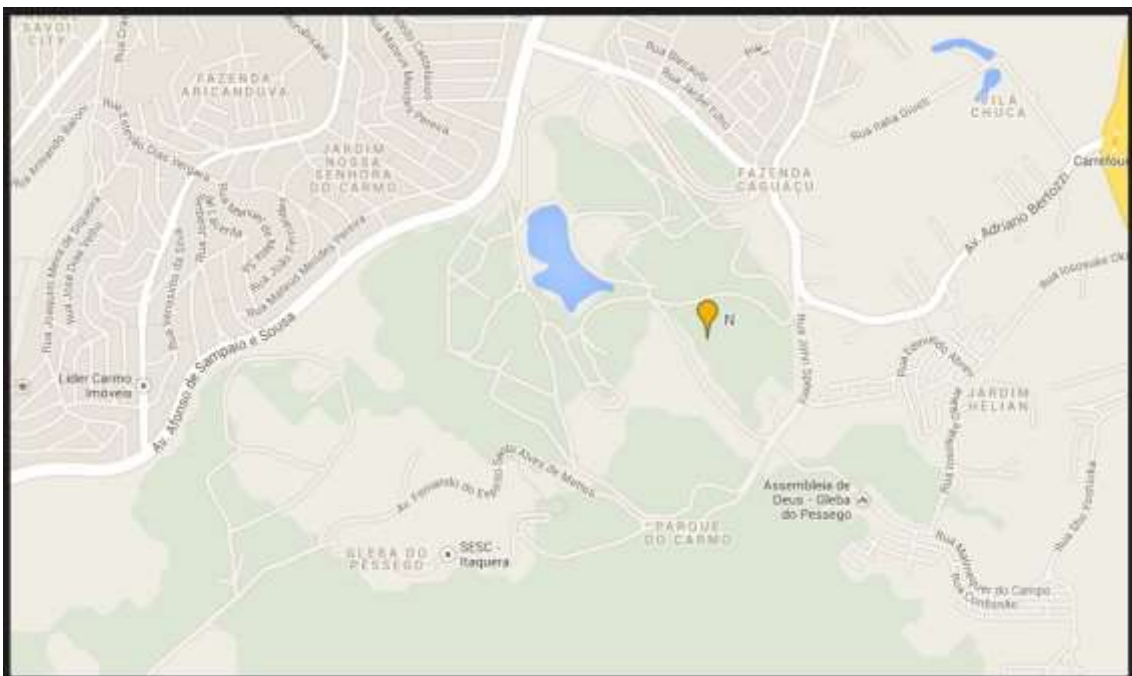
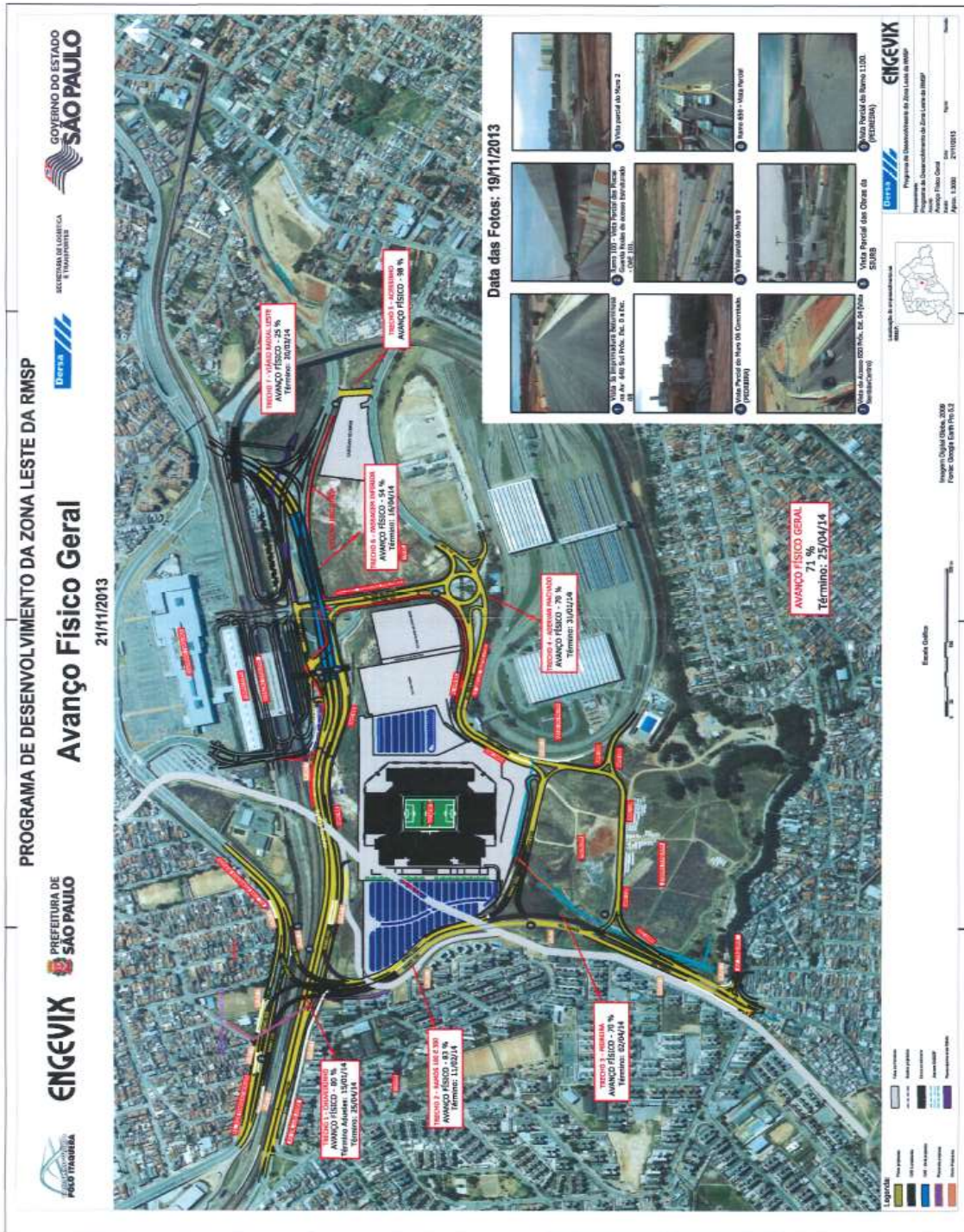


Figura 10: localização dos comerciantes entrevistados (amarelo)

Fonte: elaborado pelo pesquisador orientando

Anexo 4 – Mapa das obras do Complexo Viário Polo Itaquera em 2013



Fonte: Prefeitura de São Paulo.